


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP
Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual

YURI KOTKE CUNHA

**APRENDENDO A SENTIR-SE VIVO NO CORPO:
UMA HISTORIOGRAFIA DOS CRUZAMENTOS ENTRE
EDUCAÇÃO SEXUAL E TERAPIA CORPORAL NO
BRASIL DO SÉC XX.**



ARARAQUARA - SP

2021

YURI KOTKE CUNHA

**APRENDENDO A SENTIR-SE VIVO NO CORPO:
UMA HISTORIOGRAFIA DOS CRUZAMENTOS ENTRE
EDUCAÇÃO SEXUAL E TERAPIA CORPORAL NO
BRASIL DO SÉC XX.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara-SP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Educação Sexual.

Linha de Pesquisa: Sexualidade e educação sexual, interfaces com a história, a cultura e a sociedade

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lourdes M. G. Conde Feitosa.

ARARAQUARA

2021

C972a

Cunha, Yuri Kotke

Aprendendo a sentir-se vivo no corpo : uma historiografia dos cruzamentos entre educação sexual e terapia corporal no Brasil do séc. XX. / Yuri Kotke Cunha. -- Araraquara, 2021

85 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa

1. Educação sexual. 2. Sexo. 3. Ginásticas de conscientização corporal. 4. História. 5. Historiografia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

YURI KOTKE CUNHA

**APRENDENDO A SENTIR-SE VIVO NO CORPO:
UMA HISTORIOGRAFIA DOS CRUZAMENTOS
ENTRE EDUCAÇÃO SEXUAL E TERAPIA
CORPORAL NO BRASIL DO SÉC XX.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara-SP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lourdes M. G. Conde Feitosa.

Defesa: 04/05/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lourdes M. G. Conde Feitosa
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP e UNIGRADO -
Centro Universitário Sagrado Coração – Bauru/SP

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP

Membro Titular: Prof. Dr. Roger Marcelo Martins Gomes
UNIGRADO - Centro Universitário Sagrado Coração – Bauru/SP

Membro Suplente: Prof.^a Dr.^a Andreza Marques de Castro Leão
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara/SP

Membro Suplente: Prof.^a Dr.^a Maria Ivone Marchi Costa
Mestre e Doutora em Psicologia clínica (PUCSP – Núcleo de Família).
Psicóloga Clínica especialista em família/casal, sexualidade e gênero.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP

Dedico esse trabalho aos
pioneiros e pioneiras do
pensamento sobre o corpo, a partir
do corpo e com o corpo.

Obrigado pela inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio e pela presença nutridora em toda a minha vida. Minha mãe Regina, com seu suporte, meu irmão Taoan, com seu acolhimento generoso, meu pai Cunha, com os conselhos mais firmes. Sinto uma profunda gratidão de ter nascido desse núcleo de amor.

À minha Orientadora, Prof.^a Dr.^a Lourdes M. G. Conde Feitosa, pela iniciação no mundo da pesquisa de mestrado, pela atenção e cuidado com a minha escrita, e pelas valiosíssimas contribuições com esse trabalho. Eu sou uma pessoa e, ousado dizer, um acadêmico melhor depois desse aprendizado. Muito obrigado.

Ao Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, pelas indicações de leitura histórica e generosidade em compartilhar um vasto material de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Roger Marcelo Martins Gomes, pela gentileza em aceitar o convite para fazer parte da banca e oferecer um novo olhar à pesquisa que estava sendo desenvolvida, fazendo ótimos apontamentos.

Ao Prof. Dr. Luis Antonio Calmon Nabuco Lastória, pelas suas aulas provocativas, por me ajudar a entender a filosofia na sexualidade e a sexualidade na filosofia, e por aguçar o meu pensamento crítico e estético.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, pelo acompanhamento na jornada desse mestrado.

Ao Fred, por compartilhar os aprendizados e processos de escrita acadêmica.

À Paula Fernanda Andrezza e Tiago Brumatti, meus parceiros e sócios nessa empreitada de trazer o Sexological Bodywork ao Brasil e a América Latina através do ILASS.

À Thais Plaza, pela acolhimento em São Paulo, quando eu estava começando minha jornada ,vindo do Nordeste, e procurando um espaço para atender meus alunos e dar cursos.

Ao Joseph Kramer, por ter criado a modalidade de Educação Sexual que se tornou minha missão: *O Sexological Bodywork*.

À Beatriz Nascimento e Alessandra Maria, amigas cuja presença alterou a minha vida para melhor desde a prova de mestrado. Suas companhias durante o mestrado foram enriquecedoras.

*A minha Casa é guardiã do meu corpo
E protetora de todas minhas ardências.*

Hilda Hilst (2008, p. 61)

Meu corpo é minha localização.

Por isso é que mudo.

Diane Sbardelotto (2017)

RESUMO

As terapias corporais no Brasil surgem em meados dos anos 1960 como um modelo alternativo de prática terapêutica, tendo como uma de suas influências principais a “orgonoterapia” de Wilhelm Reich, modelo terapêutico que postulava que “as enfermidades psíquicas são o resultado do caos sexual da sociedade”, advogando, assim, um novo modelo de vivenciar a sexualidade. A presente pesquisa busca investigar historicamente o advento das terapias corporais no Brasil nos anos 60, 70 e 80 e de que forma esse paradigma terapêutico se relaciona com a educação sexual da época. A história da educação sexual, sua relação com o campo médico e a possibilidade de cruzamento com o aspecto terapêutico das terapias corporais é observada. O objetivo desta investigação é localizar, compilar e analisar criticamente a produção bibliográfica que aborda especificamente as terapias corporais e a sua relação com a educação sexual a partir do contexto histórico das transformações sociais que ocorreram nestas décadas. Utilizamos como ferramentas metodológicas os conceitos de dispositivo e sexualidade oferecidos por Michel Foucault em sua *História da Sexualidade* e a obra escrita de Wilhelm Reich sobre a função do orgasmo, a fim de melhor compreender como se deu a chegada e a disseminação das terapias corporais no Brasil, o contexto histórico no qual se difundiram, o desenvolvimento, ou mesmo censura, em relação à educação sexual no período, bem como as ramificações e desdobramentos advindos daí. A análise apontou que a chegada e difusão das terapias corporais funcionou como uma espécie de educação sexual, cujo foco no corpo e um olhar mais terapêutico do que pedagógico delimitou o seu campo de atuação para o interior do universo da Psicologia após a sua formalização, um caminho que possibilitou estar relativamente livre da censura durante a ditadura militar no Brasil.

Palavras chave: Educação Sexual; Corpo; História; Terapias Corporais; Wilhelm Reich.

ABSTRACT

Body therapies in Brazil emerged in the mid-1960s as an alternative model of therapeutic practice, having as one of its main influences Wilhelm Reich's "orgone therapy", a therapeutic model that postulated that "psychic illnesses are the result of the sexual chaos of society", thus advocating a new model of experiencing sexuality. The present research seeks to investigate historically the advent of body therapies in Brazil in the 60s, 70s and 80s and how this therapeutic paradigm is related to the sexual education of the time. The history of sex education, its relationship with the medical field and the possibility of crossing with the therapeutic aspect of body therapies is observed. The objective of this investigation is to locate, compile and critically analyze the bibliographic production that specifically addresses body therapies and their relationship with sexual education within the historical context of the social transformations that have occurred in these decades. We used as methodological tools the concepts of dispositif and sexuality offered by Michel Foucault in his History of Sexuality and the written work of Wilhelm Reich about the function of orgasm in order to better understand how the arrival and dissemination of body therapies took place in Brazil and its connection with the development or even censorship that occurred in the sexual education of the same period, the historical context in which it was disseminated and the ramifications and developments that came from it. The analysis pointed out that the arrival and diffusion of body therapies functioned as a type of sexual education, whose focus on the body and a more therapeutic than pedagogical look delimited its field of action towards the interior of the Psychology universe after its formalization, while allowing it to grow during Brazil's military dictatorship.

Keywords: Sex Education; Body; History; Body Therapy; Wilhelm Reich.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 SEXUALIDADE COMO DISPOSITIVO HISTÓRICO: A PERSPECTIVA DE FOUCAULT..... | 20 |
| 1.1 Sexualidade e corpo..... | 21 |
| 1.2. Sexualidade e educação sexual..... | 24 |
| 1.2.1 Breve história da educação sexual no Brasil..... | 26 |
| 1.3 Sexualidade e terapias corporais..... | 35 |
| 1.3.1 - Wilhelm Reich na raiz das terapias corporais: “Uma ciência do orgasmo”..... | 39 |
| 2. HISTÓRIA DAS TERAPIAS CORPORAIS NO EIXO RIO-SÃO PAULO NAS DÉCADAS DE 1960, 1970 E 1980..... | 43 |
| 2.1. Terapias corporais no Brasil: uma história..... | 46 |
| 2.1.1. Em São Paulo..... | 47 |
| 2.1.2. No Rio de Janeiro..... | 49 |
| 2.2. Análise da relação entre terapias corporais e educação sexual e crítica historiográfica dos registros pesquisados..... | 52 |
| 2.2.1. Análise de documento de época (Jornal Rádice Luta & Prazer de 1981) como exemplo do entrelaçamento entre educação sexual e terapias corporais no período citado..... | 54 |
| 2.2.2. Análise crítica dos escritos sobre as terapias corporais. | 57 |
| 2.2.3 Crítica Historiográfica dos registros sobre terapias corporais: O que as autoras têm em comum? | 59 |
| 2.3 Possibilidades para uma educação sexual do corpo no Século XXI: O I CONISS - Congresso Internacional de Sexologia Somática..... | 61 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 65 |
| REFERÊNCIAS..... | 69 |
| Anexo A – Matéria de Jornal sobre o II Simpósio Alternativas no Espaço Psi..... | 75 |
| Anexo B – Capa de Edição 4, Jornal Rádice Luta & Prazer, nº4, dez. 1981..... | 76 |
| Anexo C – Material Promocional I CONISS..... | 77 |
| Anexo D – Palestrantes I CONISS: Congresso Internacional de Sexologia Somática..... | 79 |

INTRODUÇÃO

O estudo científico da sexualidade no Brasil tem se tornado mais e mais aprofundado nos séculos XX e XXI. Como áreas transversais, a sexualidade e a educação sexual dialogam com diversos campos de conhecimento. Suas abordagens frequentemente utilizam fontes diversas, como a psicologia, a medicina, a psicanálise e a pedagogia.

A sexualidade no mundo ocidental começa a ser analisada como objeto de estudo científico no Séc. XIX (Ribeiro, 2009, p.131). Esse estudo foi se diversificando ao longo do tempo, se especializando e criando várias subáreas no estudo da própria sexualidade. Temos a sexologia clínica, a terapia sexual e muitas outras áreas.

Mesmo sendo um campo relativamente jovem quando comparado com outros campos de conhecimento, vários estudos e análises já foram publicados e a percepção da sexualidade e do ser humano como ser sexuado se alterou profundamente ao longo do Séc. XX e no início do Séc. XXI. Desde os escritos iniciais de Kraft-Ebbing e Sigmund Freud, passa por Alfred Kinsey, Shere Hite e Masters & Johnson, até chegar, no fim do Séc. XX, à medicalização da sexualidade e das disfunções sexuais, momento em que o Viagra e outras intervenções clínicas assumiram uma posição de destaque (Russo, 2013. p.190).

Quando investigamos historicamente a sexualidade, dois temas surgem com frequência: O papel da educação sexual e o papel do corpo na sexualidade. No que se refere ao corpo, o compreendemos como o *locus* privilegiado da experiência da sexualidade. Foucault (1999, p.100) diz que “o dispositivo da sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo *o corpo a principal*”. Dessa forma, analisar historicamente como as concepções de corpo influenciam na sexualidade é um trabalho importante, dado que a concepção de corpo presente em um determinado momento histórico influencia como os sujeitos se relacionam com os seus próprios corpos e com os corpos dos outros. Compreender e analisar isso ajuda a definir qual a noção de sexualidade que é considerada aceitável socialmente e qual é rejeitada pela sociedade em um período histórico específico, suscitando questionamentos e conclusões que não seriam possíveis sem um olhar dedicado ao corpo.

Entre os vários modelos terapêuticos da psicologia surgidos no século XX¹, um que recebeu particular destaque foi o que se chama informalmente de “terapias corporais”. Este é um termo guarda-chuva para muitas práticas e procedimentos diferentes (Russo, 1993, p.112),

¹ Os variados modelos terapêuticos não serão objeto de estudo mais aprofundado nesta dissertação, e serão descritos com o objetivo de situar o contexto histórico que está sendo investigado.

mas que tem em comum uma atenção especial aos processos e sensações físicas do sujeito e uma referência, implícita ou explícita, ao trabalho de Wilhelm Reich.

Wilhelm Reich foi um psiquiatra e psicanalista discípulo do pai da psicanálise, Sigmund Freud. Nascido no Império Austro-Húngaro em 1897, Reich se formou em medicina em Viena e estudou psicanálise com Freud, trabalhando diretamente sob sua supervisão. Ao longo do tempo, suas propostas teóricas começaram a divergir da psicanálise de Freud, levando-o a se afastar da sociedade psicanalítica da época. Sua vida e obra sempre foram consideradas polêmicas pelo seu foco na sexualidade e no orgasmo. A publicação de obras como “Análise do Caráter” (1933) e “A função do Orgasmo” (1945) estabeleceram as fundações do seu trabalho, chamado por ele inicialmente de “vegetoterapia” e mais tarde de “orgonoterapia”, sendo esta última nomenclatura derivada do “orgônio”, substância que ele afirmava ter descoberto.

No fim da vida, Reich se envolveu mais e mais em polêmicas e controvérsias. Tendo se mudado para os Estados Unidos, ele montou um centro de pesquisa no estado do Maine, onde realizava os seus experimentos sobre o orgônio, substância que segundo ele era a “energia cósmica”. (Reich, 1975, p. 191). Após afirmar que alguns dos seus aparelhos e métodos terapêuticos com o orgônio eram capazes de curar o câncer, Reich foi alvo de um processo judicial pelo *Food and Drug Administration*, órgão regulador de medicamentos nos Estados Unidos. Preso em 1957, morre um ano depois de um infarto agudo do miocárdio, uma semana antes da data em que seria posto em liberdade condicional².

O trabalho de Wilhelm Reich envolvia uma educação sexual que partisse do corpo e fosse libertadora, ou seja, que permitisse o sujeito viver sua sexualidade com o mínimo de restrições impostas externamente, e sugeria que isso seria uma forma de encontrar saúde e bem estar individual e social. Sua ideia da “função do orgasmo” e a relação estabelecida por ele entre satisfação sexual e saúde foram fundamentais para o modelo futuro das terapias corporais.

A documentação histórica e os estudos acerca da sexualidade e da educação sexual no Brasil ainda são incipientes. Embora muitos documentos tenham sido produzidos ao longo do Séc. XX, e mesmo antes desse período, os tabus e interditos sociais relativos a essa área criaram algumas dificuldades na elaboração de um campo de conhecimento mais integrado, seja nas universidades, em congressos científicos ou na sociedade em geral.

Uma outra questão importante que norteia este trabalho é que a produção destes registros e estudos históricos, tendo sido escritos e publicados em um determinado período, são

² Sharaf, Myron. *Fury on Earth, A biography of Wilhelm Reich*, 1994.

expressões de uma ideologia localizada em um espaço e um tempo específicos. Como diz Torres:

Todo conhecimento é indissociável do seu espaço-tempo, expressando rumos para o acontecer e para a humanidade; portanto, é ideológico (situado historicamente, recorrendo a instrumentos intelectuais - conceituais racionais ou com apelo emocional - para reproduzir ou transformar relações sociais no cotidiano de sua existência). (Torres, 2007, p. 58)

Sendo assim, fazer uma crítica historiográfica desses registros e textos descrevendo a história pode colaborar para uma análise crítica da produção de conhecimento sobre a sexualidade no Brasil, sendo extremamente importante para os futuros avanços dos estudos sobre a mesma. Essa crítica depende de uma pesquisa e subsequente construção de um arquivo detalhado do material científico nesse campo. Para isto, esta pesquisa atenta-se aos momentos históricos em que cada texto foi elaborado, a intenção de cada autor e o referencial teórico por ele utilizado para embasar suas teorias.

Da mesma forma, as terapias corporais, dado o seu caráter muitas vezes informal de produção e difusão de técnicas e práticas, deixam a desejar no que diz respeito à construção de uma documentação mais apurada de seu percurso. Diferente da história registrada de práticas terapêuticas oficiais, como a Psiquiatria e a Psicologia, as terapias corporais têm seus registros de modo mais esparsos, nos quais predomina a oralidade, tornando o acesso a estes mais difícil (Coimbra, 1995, p. 211). Observar os registros encontrados de forma crítica pode ajudar a vislumbrar possibilidades, encontrar novos pontos de inflexão e perceber temas comuns aos autores, bem como acompanhar o desenvolvimento de pontos de vista teóricos sobre o fenômeno das terapias corporais em momentos históricos diferentes. O que o mesmo autor pensa sobre o fenômeno vinte ou trinta anos depois de seu acontecimento, tendo presenciado a sua ascensão e transformação? Analisar essa escrita da história é uma prática historiográfica, dotada de caráter científico. Segundo Torres:

O caráter científico do saber histórico está ligado a uma problemática epistemológica, em que a ciência natural ou humana não chega à verdade absoluta ou à comprovação final, mas caracteriza-se pelo estabelecimento de uma sistematização de dados que a partir de um método racional de crítica pode converter-se num conhecimento em contínua dinâmica. (Torres, 2007, p. 56)

Dessa forma, ao realizar uma crítica historiográfica dos registros sobre terapias corporais, estamos também contribuindo para o conhecimento das mesmas.

Assim, associamos as terapias corporais à sexualidade porque esta se expressa primariamente por meio do corpo e da experiência corporal. Determinar os possíveis cruzamentos entre o aparecimento e disseminação das terapias corporais no Brasil e a educação sexual pode encontrar relações e conexões assim como pode ser uma importante análise sobre as terapias corporais e o modo como ela influenciou, ou não, a forma como a sexualidade foi experimentada nesse período histórico, colaborando para o fortalecimento do campo da saúde e educação sexual no país.

Também compreendemos que o campo da saúde e o da educação sexual estão ligados a partir da origem desta última na sexologia. Nascido no bojo da medicina do Séc. XIX, o estudo científico da sexualidade tinha como fundamento certos procedimentos violentos e excludentes, com a deslegitimação de qualquer prática que não fosse heterossexual e monogâmica, com fins reprodutivos. Nessa direção, fomos buscar que relações as terapias corporais e seus fundamentos teóricos, advindos da prática libertária de Wilhelm Reich, podem ter engendrado ou não quando se confrontaram com esse paradigma conservador. Nós buscamos possíveis relações entre estas terapias alternativas e a educação sexual que estava em voga no período estudado, fosse formal ou informal.

Ao compilar vários registros sobre a trajetória da educação sexual e das terapias corporais no Brasil nas décadas de 60, 70 e 80, identificando influências e possíveis correlações entre a educação sexual e o desenvolvimento das terapias corporais no Brasil, pensamos que podemos contribuir para a crítica historiográfica da educação sexual no Brasil, de modo a colaborar com a análise do acervo escrito sobre as terapias corporais no Brasil. Isto posto, nesta pesquisa propõe-se analisar a relação entre a educação sexual e as chamadas “terapias corporais” no Brasil nas décadas de 60, 70 e 80, a partir da perspectiva foucaultiana de Sexualidade, descrita em seu *História da Sexualidade*.

O método escolhido foi a pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo explicar um problema a partir de referências teóricas, publicadas principalmente em livros, artigos, revistas, entre outros meios (Rampazzo, 2005). Nesta direção, encontramos durante nossa pesquisa materiais produzidos na época, dentre eles o *Jornal Rádice Luta & Prazer*, jornal nascido a partir da *Rádice - Revista de Psicologia*, uma referência que congregou várias linhas e

movimentos relacionados ao “complexo alternativo” onde floresceram as terapias corporais durante os anos 1970 e 1980 no Brasil³.

Para essa pesquisa, utilizamos o *Jornal Rádice Luta & Prazer* número 4, de dezembro de 1981. Escolhemos esta edição por representar um momento na história das terapias corporais onde já havia uma inflexão do movimento das terapias corporais em direção a uma maior regulamentação, enquanto a abertura política do Brasil já ensaiava seus passos e o fim da Ditadura Militar viria logo depois, em 1985. O Editorial desta edição do Jornal nos oferece um vislumbre de como se estava vivenciando a sexualidade naquele momento histórico, no contexto da cultura alternativa, e que ideais ela propagava. Com esse olhar localizado, utilizamos também os relatos e bibliografia sobre o período, para apontar ou localizar instâncias onde podemos ver o dispositivo foucaultiano da sexualidade atuando.

Como aporte adicional para esta pesquisa utilizamos materiais bibliográficos que descrevem a educação sexual e as terapias corporais durante o século XX, período histórico escolhido para ser analisado. Segundo Pizzani (2012, p.54), a pesquisa bibliográfica, também chamada de revisão da literatura, tem entre seus objetivos “proporcionar um aprendizado sobre uma determinada área do conhecimento”. Escolhemos esse método de pesquisa para seguir em linha com o objetivo do trabalho, que é fazer um levantamento das análises que existem sobre o que se denomina “terapia corporal” no Brasil durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 e refletir se ela se relaciona com a educação sexual e que tipo de relação foi estabelecida com a mesma.

Como já citado, as terapias corporais chegaram ao Brasil de maneira informal, muitas vezes ao largo da psicologia e terapêutica médica “oficial”. Isso também ocorreu devido à censura presente durante a ditadura militar no Brasil, cujo legado repressor durou de 1964 a 1985, com o seu caráter mais repressor sendo durante o governo do General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Como as terapias corporais tinham um caráter contestador da moral sexual vigente, algo já presente no trabalho de Wilhelm Reich, seu precursor, elas eram vistas como parte da contracultura subversiva a ser combatida devido às suas semelhanças e cruzamentos

³ Mais detalhes sobre a Revista Rádice podem ser encontradas na dissertação de mestrado, *Corpo, subjetividade e política: o ideário libertário das décadas de 60 e 70 em uma revista de “jornalismo da psicologia”*, de Pedro de Oliveira Schrepjer (2009), disponível em <<http://152.92.4.120:8080/handle/1/4190>>; e na tese de doutorado *Rádice: muito prazer! Crônicas do passado e do futuro da Psicologia no Brasil*, de Alessandra Daflon dos Santos (2008), disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41467/pdf_127>

com uma teoria social mais libertária, em contraposição ao caráter conservador do regime militar⁴.

Por isso, os registros dessas práticas deixam a desejar no que diz respeito à construção de uma documentação mais apurada de seu percurso. Como suporte a essa noção de construção de uma história a partir de esparsos registros escritos e análises de fenômenos feitas muitas vezes *in loco* pelos participantes dos eventos a serem analisados, nos lembramos da noção mais ampla da escrita da história trazida pela Escola dos Annales, que enxerga além dos documentos oficiais produzidos naquele tempo histórico. Como diz Lucien Febvre:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. (...) Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entajuda que supre a ausência do documento escrito? (Febvre apud Le Goff, 1992, p. 540).

Assim, para construir o nosso panorama de análise, dividimos a pesquisa em três eixos:

1. A bibliografia de fundamentação teórica para estabelecer os conceitos que irão nortear nosso estudo de forma mais acurada. Estes conceitos são: Sexualidade, Educação Sexual e Terapias Corporais. Para tanto, utilizamos Michel Foucault e sua História da Sexualidade, na qual ele localiza historicamente um conceito de sexualidade. Nos valem das pesquisas históricas de vários autores da área da Sexualidade, como Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Regina Bedin e Mary Neide Damico Figueiró para nos fornecer o conceito de educação sexual e sua historicidade no Brasil. Para a definição de terapias corporais, buscamos a referência de Jane Russo e Cecília Coimbra, que estudaram a gênese desse movimento no Brasil durante o período pesquisado.

2. A obra e os conceitos de Wilhelm Reich, bem como algumas fontes biográficas sobre o mesmo, para compreender o período histórico que ele estava inserido e quais os conceitos criados por ele que mais tarde influenciaram as chamadas “terapias corporais”. Enxergamos

⁴ Para uma descrição mais detalhada de como operava o controle do corpo e das expressões corporais durante a ditadura militar, ver a dissertação de mestrado de Anderson da Silva Soares (2016): *Discursos e representações do corpo durante a ditadura militar no Brasil (1968-1979)* - UFRN.

Reich como um modelo fundamental para embasar nossa análise, dada a influência de sua teoria nas terapias corporais que são analisadas aqui.

3. Livros, teses e artigos sobre o período histórico pesquisado, dos quais consistem a nossa historiografia sobre o desenvolvimento da educação sexual e das terapias corporais no Brasil, incluímos nos registros analisados do período relatos e textos escritos por participantes dos movimentos durante a sua efervescência, como a revista *Rádice Luta e Prazer*, livros como *Gestalt-Terapia, Psicodrama e Terapias Neo-Reichianas no Brasil - 25 Anos* de Selma Ciornai (1995), o livro *Guardiões da Ordem*, de Cecília Coimbra (1995), o livro *O Corpo Contra a Palavra*, de Jane Russo (1993), entre outros livros representativos do período. Uma edição do *Jornal Rádice Luta & Prazer* é analisada mais a fundo para realçar marcas específicas de linguagem que expressem certos valores da época e do grupo social que praticava as terapias corporais. Que valores são esses e como eles se contrapõem aos valores sexuais da ditadura militar?

A partir do levantamento realizado, pudemos analisar o registro dos eventos no material pesquisado seguindo os conceitos explorados na fundamentação teórica e traçar paralelos, semelhanças e diferenças. Percebemos, ao desenvolver a pesquisa, o valor e a necessidade de uma educação sexual com foco na consciência do corpo, para complementar e expandir a educação sexual institucional que temos hoje em dia. Uma proposta de educação sexual com foco no corpo pode realçar a importância que uma educação sexual formal, esclarecida e consciente nos dias de hoje, quando as manifestações da sexualidade estão cada vez mais ameaçadas por um movimento regressivo mundial em relação aos costumes.

No contexto atual, 20 anos depois desde que os registros históricos aqui analisados foram produzidos, percebemos que a sexologia e a educação sexual passaram por mutações ao acompanhar o seu período histórico, com elementos nunca antes imaginados. A chegada e disseminação da internet e sua rede mundial de computadores segue transformando a linguagem e as relações dos seres humanos, mesmo em 2020. Vários eventos históricos, o mais recente sendo a pandemia de COVID-19, estão tendo efeitos profundos nas formas como as pessoas se relacionam com os seus corpos e suas sexualidades. Qual o papel de uma educação sexual nesse novo contexto? Como a nossa pesquisa pode contribuir para esta nova educação sexual? Será que a abordagem vitalista de Reich, que fala de energia cósmica, está ultrapassada para a nossa sexualidade do século XXI, uma sexualidade que fala de neurônios e anatomia de forma esquemática enquanto utiliza pornografia produzida e compartilhada de forma industrial com a ajuda de algoritmos de Inteligência Artificial?

Jane Russo (2017), em seu texto *Do psíquico ao somático: notas sobre a reconfiguração do self contemporâneo*, nos oferece algumas possibilidades.

Nesse texto, ela nos descreve um pouco da trajetória da psicanálise nos últimos 25 anos, por um lado questionada pelo *establishment* médico-científico que exige uma fisicalidade e um materialismo concreto para as suas práticas e por outro indagada pelas terapias alternativas e corporalistas pelo que é compreendido como um foco excessivo na terapia falada e no “universo psíquico” separado da esfera holística de uma corporalidade integral. Russo (2017, p.158) pergunta "Estarão os neurotransmissores substituindo os desejos recalçados? E estaria o Prozac ocupando o lugar do divã?"

Ao corroborar autoras como Coimbra (1995) e Ciornai (1995), ela faz um apanhado da história da psicanálise e sua chegada no Brasil a partir de um olhar sobre a classe média. A autora fala que a psicologia e a psiquiatria absorveram a prática psicanalítica e seus conceitos no início do séc. XX. Ao longo do tempo, a psicanálise alargou sua linguagem para além dos divãs da sua prática clínica, tornando-se uma visão de mundo que explicava os mais variados fenômenos sociais sob uma ótica específica. Um exemplo da expansão da visão de mundo psicanalítica citada por Russo (2017) é a difusão de pedagogia popular nas revistas e jornais (e hoje em dia na internet) sobre vários assuntos, tais como relacionamentos, vida sexual, vida conjugal, dentre várias outros. Outro exemplo muito claro dessa expansão é o quanto o jargão psicanalítico como “inconsciente”, “pulsão” e “desejo” fazem parte do nosso vocabulário cotidiano. Mesmo que essas palavras não sejam sempre usadas pelo modelo psicanalítico, é inegável a influência da psicanálise em transformar esses conceitos em lugar comum.

O antropólogo Fernando Dias Duarte (2004) cita que a psicanálise é um exemplo histórico da tensão entre o iluminismo racionalista, de um lado, e o romantismo focado na emoção e na experiência vivida, de outro. Segundo Duarte (2004, p.17), este contraponto gera uma “tensão inarredável” entre estes dois polos, e está presente na sociedade ocidental pelo menos desde o Século XVIII.

Reich, em um de seus livros mais famosos, *A Função do Orgasmo* (1974, p.74), enfatiza que o seu “conceito econômico-sexual do mecanismo psíquico não é de natureza psicológica, mas biológica”. Sendo Reich apontado frequentemente como a principal influência na teoria e prática das chamadas “terapias corporais”, percebemos a sua influência na relação desse modelo “somático” com a psicanálise e essa “reconfiguração do self contemporâneo” proposta por Russo. Reich, que se distanciou da psicanálise e de seu criador ao propor termos e conceitos que são as raízes das terapias corporais que temos hoje em dia, é retornado como influência nesse novo “vitalismo” do *self* contemporâneo, em que noções subjetivas de estados internos

como “felicidade” e “bem-estar” serão fundamentais para essa nova visão alternativa da psique, na qual a biologia é atravessada por conceitos subjetivos e moldada pelas relações sociais.

A resposta parcial dada por Russo nos indica possibilidades. Ao situar a “virada somática” que muitos estudos da área da saúde estão experimentando, como a leitura de Nikolas Rose no universo da psicologia e das ciências da saúde mental de forma ampla, ela localiza o que chama de uma “neurociência ‘alternativa’ ”, fazendo a seguinte afirmação:

No caso que estudamos, a concepção hipernaturalizante do humano e de seu cérebro e corpo não implicava um fisicalismo reducionista – acusação comum às neurociências de um modo geral. A recusa dos dualismos levava a uma concepção totalizante do ser humano, na qual se desfazia não apenas a tensão sujeito/objeto – uma vez que o “mundo lá fora” e o organismo se coproduzem mutuamente. (Russo, 2017, p.163)

Uma nova perspectiva da fisicalidade e do corpo pode ser apresentada. Uma possibilidade de compreender o corpo como processo vivo, em movimento, produzindo a si e a outros corpos à medida que reconhece sobre si os efeitos transversais do seu contexto e se atualiza de forma holística.

Nesta direção, podemos enxergar o corpo de uma forma mais ampla. Este, como um dos pontos fulcrais no qual as questões sobre sexualidade e práticas sexuais irrompem. Prazeres e sexualidades são parte integrante do corpo. Assim, uma pergunta deve ser levantada após essa pesquisa: Como as pessoas estão percebendo o prazer que seus corpos sentem? Esta percepção pode ser transformada? Ajudar as pessoas a perceber melhor o prazer de seus corpos pode ser considerado como educação sexual?

Acreditamos que é possível uma educação sexual que nos leve para além do binômio proibido/permitido, tão presente na nossa história da sexualidade. Apresentar alternativas para que as pessoas percebam melhor os seus corpos pode ser uma possibilidade para, como disse Reich (1984, p.65), possamos “viver em comunidade não com a intenção de suprimir e dominar uns aos outros, mas para melhor e de forma mais confiável satisfazer todas as necessidades saudáveis da vida.”

Como proposta para um produto de educação sexual que envolva o corpo, uma necessidade que se mostrou premente a partir desta pesquisa, o ILASS – Instituto Latino-Americano de Sexologia Somática, instituição da qual o autor desta dissertação faz parte, promoveu um congresso online cujo tema foi terapias corporais, sexualidade e prazer sexual. Esse congresso foi realizado de 4 a 6 de dezembro de 2020. Estiveram presentes 16 profissionais e educadores que palestraram sobre o assunto, oferecendo alternativas práticas

para uma educação sexual que envolva o corpo de forma afirmativa. Os palestrantes convidados são professores e educadores sexuais ao redor do mundo com um fundamento corporal e somático em seus trabalhos.

Como iremos ver em detalhes nesta dissertação, os conceitos que Reich estabeleceu foram basilares para o desenvolvimento de terapias corporais pelo mundo ocidental. A abordagem somática que tem emergido na psicologia dos últimos 30 anos retoma conceitos reichianos na medida em que ela faz parte de uma reconfiguração do olhar sobre o ser humano por parte da psicologia e neurociência de hoje em dia. (Russo, 2017). Reconhecemos o potencial para educação sexual que esta abordagem nos traz na configuração contemporânea do mundo. Também esperamos que isso contribua para uma educação sexual com foco no corpo, adaptando-nos às novas tecnologias de comunicação global.

1 SEXUALIDADE COMO DISPOSITIVO HISTÓRICO: A PERSPECTIVA DE FOUCAULT

Os fundamentos conceituais que utilizamos para nossa crítica historiográfica partem de vários autores relevantes na pesquisa sobre sexualidade, educação sexual e corpo, tais como Michel Foucault, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Jane Russo, Mary Neide Damico Figueiró e Carmem Lúcia Soares. A partir destes conceitos temos uma forma de embasar a análise dos documentos e fontes pesquisadas nesta dissertação.

Foucault, em seu *História da Sexualidade* (1999), localiza a sexualidade como conceito historicamente delimitado e nos dá uma lente por meio da qual podemos observar determinados momentos históricos.

Dois conceitos se mostram importantes para examinar os registros históricos que pesquisamos: Dispositivo e Sexualidade.

Foucault define dispositivo da seguinte forma:

[...]um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (Foucault, 1999, p. 244)

Dessa forma, o dispositivo é a rede que se estabelece entre os elementos do conjunto que analisamos em uma pesquisa histórica como a que estamos empreendendo. O dispositivo que vamos investigar é a sexualidade. Foucault especifica a sexualidade como um dispositivo específico:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (Foucault, 1999. p. 100)

Ou seja, Foucault define sexualidade como uma rede de relações que se estabelece entre certos elementos presentes em um período histórico. No caso da sexualidade, ele reconhece como estes elementos o corpo, a intensificação dos prazeres e a formação dos conhecimentos. Entre estes elementos que Foucault reconhece como encadeados uns aos outros pelo dispositivo

da sexualidade, dois deles são objetos privilegiados dessa dissertação: O corpo e a educação sexual, esta última estando presente como parte da formação dos conhecimentos, da intensificação de poderes e mesmo reforço do controle e das resistências, como veremos em breve.

1.1 Sexualidade e corpo

O corpo é o espaço privilegiado onde o dispositivo da sexualidade atua.

Foucault traça uma linha histórica de como as relações sexuais deixaram de ser reguladas exclusivamente pelo dispositivo da aliança (presente na sociedade ocidental até hoje, mas enfraquecido) e passaram a ser reguladas por um dispositivo da sexualidade. O dispositivo da aliança consistia em “sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens.” (Foucault, 1999, p. 99). Já o dispositivo da sexualidade se articula e estabelece sua existência como rede de forma diferente, de forma mais fluida. Ao invés de uma estrutura rígida onde estão claramente opostos o permitido e o proibido, como no dispositivo da aliança, no dispositivo da sexualidade as formas de controle são mais sutis e escapam a um olhar mais desatento. Mas ele se revela se observar o corpo. As distinções entre um e outro são dadas por Foucault:

Para o primeiro [o dispositivo da aliança], o que é pertinente é o vínculo entre parceiros com status definido; para o segundo [o dispositivo da sexualidade], são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam. Enfim, se o dispositivo da aliança se articula fortemente com a economia devido ao papel que se pode desempenhar na transmissão ou na circulação de riquezas, o dispositivo da sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal - corpo que produz e consome (Foucault, 1999, p. 99)

A passagem da centralidade de um dispositivo para o outro ocorreu de forma gradual ao longo da história, até chegar nas nossas compreensões atuais sobre corpo e sexualidade. Do dispositivo da aliança para o da sexualidade ocorre uma mudança que se inicia no advento da confissão religiosa, que vai codificando a relação sexual em atos específicos, dando especial atenção às sensações, percepções e prazeres do corpo. (Foucault, 1999)

A confissão religiosa remonta à inquisição da igreja católica, que a utilizava como instrumento para estabelecer regras de comportamento, o que incluía comportamento sexual. A “sodomia”, ou “relação contra a natureza” já aparecia no regimento da inquisição em 1613 no Brasil (Santos, 2014). A confissão dos atos sexuais realizados produz, para além do caráter

religioso de absolvição do pecado, uma organização do desejo e dos prazeres do corpo de acordo com as palavras enunciadas. A especificidade dos atos sexuais, tais como “sodomia”, “relações contra a natureza”, entre outros, começam a emergir. Para Foucault, “A pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra.” (Foucault, 1999, p. 23). Atos que antes não eram nomeados começam a ser especificados e destrinchados em suas minúcias na confissão religiosa.

No fim do século XVIII, ocorre outro deslocamento. Após um longo movimento que perpassa a economia, a medicina e a pedagogia, o “pecado” religioso deixa de ser uma questão central, e, assim como o dispositivo da aliança foi deixado de lado no que se refere às questões sexuais sem desaparecer totalmente, também o conceito de “pecado” e “salvação” passou a ser ignorado em nome do conceito de “saúde” e “normalidade”, ou nas palavras de Foucault:

A tecnologia do sexo, basicamente, vai-se ordenar a partir desse momento em torno da instituição médica, da exigência de normalidade e, ao invés da questão da morte e do castigo eterno, do problema da vida e da doença. **A carne é transferida para o organismo.** (Foucault, 1999, p. 99. Grifo nosso)

Assim, a medicalização da sexualidade e o estabelecimento de categorias que separam a sexualidade saudável (que é aquela com fins reprodutivos) da sexualidade “doente” ou “anormal” (que seria composta de atos como masturbação, homossexualidade ou mesmo sexo sem fins reprodutivos) são estabelecidos. Nesse momento, a sexualidade não é mais apenas um ato ou uma ação que se realiza. Ela se torna uma característica inseparável do corpo e do sujeito que a expressa. (Foucault, 1999). Com isso, a sexualidade assume uma perspectiva central na identidade das pessoas ao ser exercida. Ela é tomada como fato científico, inseparável do corpo que a exerce.

A partir desse ponto fulcral que liga a sexualidade e biologia de forma indissociável, a sexologia emerge em meados do séc. XIX, ligada à medicina. O livro *Psychopathia Sexualis*, escrito pelo psiquiatra Richard von Krafft-Ebing e publicado em 1886, é um exemplo fundamental dessa tendência, pois nele são estabelecidas categorias sexuais como a “homossexualidade”, o “sadismo”, o “masoquismo” e “fetichismo”, enquadrando-as em um contexto biológico-médico de forma centralizada e definindo fronteiras entre a sexualidade “normal” e a sexualidade “aberrante”. A obra de Kraft-Ebbing é importante pois é o registro mais completo destas categorizações sexuais até então, estabelecendo definições mais claras. Antes dele, as categorizações eram feitas de forma esparsa e vaga. (Pereira, 2009). As

definições estabelecidas por ele foram incorporadas ao vocabulário corrente e são utilizadas até hoje ao se falar sobre sexualidade e práticas sexuais, tais como “sadismo” e “masoquismo”.

Além disso, o critério utilizado por ele para definir sexualidade “normal” e “anormal” se tornou basilar para a visão de sexualidade da época, e ainda é sentido hoje: A sexualidade “normal” seria aquela realizada para a “reprodução da espécie”, enquanto uma sexualidade cujo foco é o prazer seria “anormal”. Com base nesse princípio, ancorado na concepção de biologia que se tinha na época, Kraft-Ebbing discorre sobre as variadas práticas sexuais enquanto as rotula como “anormais”, conectando apenas a prática sexual reprodutiva à “normalidade” e à “saúde”. Isso assume também um caráter biologizante, e determinadas práticas e hábitos sexuais se tornam uma questão da medicina, a qual pode tentar consertar os “desviantes”, ou isolá-los da sociedade considerada “saudável”.

Com esse movimento, a definição da sexualidade transita do universo religioso, que era organizado principalmente pela definição de pecado e salvação definida pela igreja em seu aspecto confessional e se encaminha para a medicina e biologia, sem deixar de lado o seu aspecto jurídico. A utilização dos mecanismos jurídicos para segregar e punir aqueles que não exercem a sexualidade “correta” permanece em jogo. No momento anterior esses mecanismos eram utilizados pela igreja como mecanismo de controle, punindo os sujeitos com a justificativa de “redimir os pecados”. Agora o aparato jurídico servia para punir “crimes sexuais” e separar os “anormais” com a justificativa biologizante do contágio e da eugenia.

Kraft-Ebbing diz claramente que sua obra tem, entre suas funções, auxiliar o sistema judiciário. A definição destas categorias sexuais e a incorporação delas ao sistema médico e judiciário cria uma estrutura repressiva que produz uma pedagogia e sujeitos definidos que devem ser educados para uma “sexualidade saudável” e não se perder na “degeneração sexual”. Nesse sentido, vemos que uma educação sexual, definida como tal, começa a surgir nos manuais médicos que recomendam evitar certos comportamentos por considerá-los doentios e geradores de doenças, tais como a masturbação e sexo anal, e aprovar outros, tais como a abstinência sexual antes do casamento e a prática sexual apenas para a procriação. Com isso, vemos que a gênese do que consideramos educação sexual e seus pressupostos médico-biológicos emergem a partir da influência da medicalização das práticas sexuais, o que vai influenciar todo o seu desenvolvimento e gerar uma educação do corpo por meio da sexualidade, separando quais as práticas e experiências corporais que são aceitáveis e quais não são, como veremos a seguir.

1.2. Sexualidade e educação sexual

A partir da percepção de Foucault sobre a sexualidade como dispositivo histórico, compreendemos que ele a enxerga não apenas como o ato sexual em si, embora este último seja parte integrante daquela, mas também todo o discurso que envolve esse ato, seus desdobramentos, suas interdições e seus prazeres. O que entendemos como sexualidade não se limita ao ato sexual, mas também se refere à forma como falamos sobre ele, como o organizamos, definimos e o circunscrevemos, e quais as permissões e proibições que estão postas sobre ele.

Embora seja comum perceber educação sexual apenas como uma proposta do currículo escolar, ela é mais que isso. Para além da educação sexual formal, temos uma educação sexual informal, como diz Ribeiro (2013). que faz parte da nossa vida cotidiana e é realizada pela família desde a infância, sendo influenciada pela cultura e pela sociedade e que molda as nossas percepções e comportamentos sexuais.

Nesse sentido, a educação sexual como a conhecemos faz parte deste dispositivo da sexualidade. Figueiró (1995, p. 8) define Educação Sexual como “toda ação de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja a nível de conhecimento e /ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções, e atitudes relacionados à vida sexual.” Ela ainda lembra que, mesmo que esta definição seja útil para fins de pesquisa, a Educação Sexual “não deve ser vista como algo que ocorre à parte da educação global do indivíduo, mas, pelo contrário, deve ser entendida como parte desse processo maior” (1995, p.9).

A educação sexual realizada formalmente hoje em dia como parte do currículo em algumas instituições de ensino é um meio de trazer à tona esse dispositivo da sexualidade que regula e organiza os corpos e os prazeres. Embora ele também faça parte do dispositivo de sexualidade, convém lembrar que Foucault diz que o dispositivo que trabalha em direção a uma liberação sexual não pode ser confundido com o da repressão. Embora ambos operem por meio de mecanismos semelhantes, os fins de ambos são diferentes e não devem ser confundidos. (Foucault, 1979).

Nessa direção, compreendemos que uma educação sexual, formal ou informal, também é uma educação do corpo, no sentido que Carmem Lúcia Soares define esta última como sendo “Um conjunto de pedagogias que interferem no corpo e no modo como nós nos comportamos” (Soares, 2013), sendo construída ao longo do tempo, o que a coloca em uma perspectiva histórica, ou seja, esta educação do corpo pode ser analisada por um olhar crítico, com consciência histórica.

Quando observamos o discurso da sexualidade por uma lente crítica, percebemos que a educação sexual de determinado período histórico é fortemente influenciada pelos discursos que detêm mais poder no mesmo período. Isso fica aparente nos manuais e registros das confissões e heresias da igreja católica, como as *Confissões da Bahia*, as *Denúncias de Pernambuco*, entre outros documentos históricos onde são descritas práticas sexuais consideradas pecaminosas e dignas de punição (Ribeiro, 2013). Isto também pode ser encontrado no discurso médico do século XIX, que opera como uma “educação sexual” quando regula e define as práticas sexuais lícitas e ilícitas. Esse movimento pode ser exemplificado pelo já citado *Psychopatia Sexualis*, de Kraft-Ebbing.

Assim, uma educação sexual formal nasce do discurso da medicina e vai funcionar, junto a ele, como forma de educação do corpo, separando corpos e práticas “saudáveis” daqueles que não são, tendo como referência central princípios biologizantes, tais como a “reprodução da espécie” e ainda considerando o prazer sexual uma experiência desnecessária e até perigosa, tendo que ser controlado e vigiado em nome do bem estar social.

Um exemplo histórico claro dessa relação entre a medicina e a educação sexual como educação dos corpos pode ser visto nas descobertas científicas em relação à gestação e consequências destas para as práticas sexuais. Mary Del Priore (2011) relata:

Nos anos 1840-1850, dois médicos franceses, Pouchet e Négrier, descobrem os mecanismos da ovulação. A mulher deixou de ser considerada uma simples portadora de ovos para fazer parte da Criação. Mas ela pagou um preço alto por isso. A espontaneidade da ovulação tornava inútil o orgasmo. Só a ejaculação masculina era indispensável. Por décadas, os homens puderam esquecer as reações de suas parceiras. A necessidade de prazer lhes era oficialmente negada. Um ou outro doutor mais sensível invocava a possibilidade de as esposas gozarem. **Mas apenas como garantia contra a infidelidade. Era o medo do adultério que permitia um número maior de carícias** (Del Priore, 2011, p. 81, grifo nosso.)

Para poder analisar criticamente o contexto no qual a educação sexual se relaciona com a concepção de corpo do período investigado, ou seja, nos anos 1960, 1970 e 1980 no Brasil, analisaremos como a educação sexual e os saberes sobre o sexo se estabeleceram no Brasil.

1.2.1 Breve história da educação sexual no Brasil.

A história da educação sexual no Brasil passa pela história dos saberes da sexualidade, e como ela foi convertida em objeto científico para estudo. Por isso, vamos olhar um pouco para alguns momentos anteriores para compreender a evolução histórica desses saberes até chegar ao séc. XX.

No Brasil Colônia, a educação sexual era informal, definida pelos costumes e padrões sociais e pelos manuais de comportamento da igreja, que ditavam as regras de comportamento, especialmente sexual, de acordo com a doutrina cristã. Como diz Ribeiro:

Se considerarmos que a educação sexual abrange toda educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento referente à aquisição de concepções, valores e normas sexuais, inicialmente na família, posteriormente na comunidade, com seu grupo social e religioso; e que esta educação sexual é contínua, indiscriminada e decorrente dos processos culturais, influenciando a manifestação de comportamentos e atitudes sexuais, podemos dizer que desde a Colônia havia uma educação sexual no Brasil.(Ribeiro, 2013, p.155).

A partir do Brasil Império, a influência europeia sobre o Brasil no que tange o discurso sobre sexualidade fica aparente quando estudamos documentos produzidos nesse período. São produzidas teses, manuais e textos que estabelecem regras para as práticas sexuais. Nesse momento, a medicina centraliza a autoridade e o poder de se falar da sexualidade. Importando ideais higienistas da Europa, o discurso sobre a sexualidade no Brasil assume um caráter formal a partir do discurso da medicina. (Del Priore, 2011; Sfair & Bittar, 2004.)

Nesse contexto, o sexo se torna objeto de estudo oficial no Brasil, dentro das ciências médicas do séc. XIX (Bedin, 2016). Isso é exemplificado pela presença de teses e livros cujo assunto é celibato, prostituição, matrimônio, entre outros, todos focados nos atos sexuais e suas consequências. A presença dos médicos na autoria destes documentos vem corroborar a ideia de Foucault (1999) de que o dispositivo da sexualidade passa do discurso religioso e adentra o discurso da saúde, enquanto mantém suas características de punição e controle dos atos sexuais, bem como a definição rígida de atos permitidos e proibidos.

Os atos permitidos eram considerados apenas aqueles que fossem para a reprodução da espécie dentro de um contexto monogâmico e patriarcal, enquanto os que não obedecessem a essa configuração, como os atos homossexuais, a masturbação e a prostituição eram tidos como

“errados” e “problemáticos”. Não mais sob uma justificativa divina, mas agora com a percepção de que tais atos eram “contra a natureza.” Essa visão de mundo irá conformar a sexualidade a ideais de pureza e higiene muito específicos, com uma justificativa biologizante. Como exemplos dessa tendência, podemos citar textos como a *Dissertação sobre a prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro*, escrita por Herculano Augusto Cunha e datada de 1845; e a escrita por Miguel Antonio Herédia de Sá, também de 1845, com o título de *A cópula, o onanismo e a prostituição* (Bedin, 2016)

É assim que surge a sexologia, como saber institucionalizado a partir da medicina. Béjin (1985) considera que uma obra fundamental para o estabelecimento desta foi a *Psychopatia Sexualis*, texto de Kraft-Ebbing que estabelece este campo de conhecimento. Esta obra é emblemática nesta direção por estar, segundo Béjin, “mais preocupada com a nosografia do que com a terapêutica e centralizada principalmente nas doenças venéreas, na psicopatologia da sexualidade” (Béjin, 1985). Esta influência normalizadora irá definir o campo da sexologia por muito tempo, encontrando reflexos até hoje, como por exemplo a centralidade dada à ereção masculina no ato sexual, demonstrada pela presença da farmacologia no campo da sexualidade a partir dos anos 90 (Russo, 2003).

Este direcionamento de controle dos atos sexuais por meio de uma série de dispositivos, especialmente aqueles presentes na medicina, irá gerar uma geração de médicos influenciados por estas ideias que, nas primeiras décadas do séc. XX, no Brasil, começarão a criar manuais específicos para a prática sexual e seu espaço na sociedade. Um dos expoentes no Brasil da moral sexual influenciados por esse modelo é o médico José de Albuquerque, escritor de vários livros sobre o sexo a partir da perspectiva médica, como *Moral sexual* de 1930, *Da impotência sexual do homem* de 1933, *Educação sexual pela rádio* (1935) e *Catecismo de Educação Sexual* (1940) (Bedin, 2016).

Nessa direção, vários autores começaram a escrever obras que versavam sobre a moralidade sexual, servindo assim como um modelo de educação sexual para a época. Entre 1920 e 1960, autores como Monsenhor Álvaro Negromonte, Hernani de Irajá, o já citado José de Albuquerque e Antônio Austregésilo, desenvolvem e publicam livros e cartilhas de Educação Sexual e Sexologia. Bedin (2016) aponta que no meio médico e científico, estes autores⁵ encontravam resistência do lado “oficial” da medicina, sendo vistos muitas vezes com

⁵ Com a provável exceção do Monsenhor Álvaro Negromonte, por sua posição na igreja católica.

desconfiança e distanciamento, dado que na época “a sexologia atraía sobre si suspeitas de imoralidade e seus cultores nem sempre escaparam ao estigma de perversos ou pervertidos” (Carrara & Russo, 2002, p. 275)

Nesse mesmo período, a psicanálise, técnica criada pelo médico neurologista Sigmund Freud⁶ se consolida no país junto aos psiquiatras, sendo abordada dentro dos ditames da medicina. Vê-se o cruzamento importante entre a medicina e a psicologia, e como a educação sexual nasce desse bojo de regras quando encontramos os mesmos atores, como Antônio Austregésilo, presente tanto em uma descrição dos primórdios da psicologia e psicanálise no Brasil quanto na bibliografia de história da Educação Sexual. (Bedin, 2016, Bueno & Ribeiro, 2004, Carrara & Russo, 2002, Russo, 1993.)

Com estes movimentos acontecendo tanto na esfera da pedagogia quanto na esfera da medicina, começou a frutificar na sociedade uma mentalidade mais aberta e ciosa da necessidade da educação sexual formal, embora isso tenha demorado uma geração. Os autores citados, mesmo que escrevessem os manuais sobre sexualidade, eram reticentes ou mesmo opositores reais de uma pedagogia específica para a sexualidade ser feita nas escolas. (Reis & Ribeiro, 2004).

Iniciativas para realizar esse movimento de forma concreta no ambiente escolar foram ceifadas logo após nascerem. Um exemplo que temos é a iniciativa de Victor Stawiarsky, que tentou inserir a educação sexual no currículo escolar no Colégio Batista do Rio de Janeiro em 1930 e foi demitido por isso (Bedin, Muzetti & Ribeiro, 2012). Isso demonstra para nós que alguns tabus e controles que pairavam sobre as práticas sexuais permaneciam, mesmo entre os sexólogos da época. A sexualidade era um assunto primariamente médico-legal e havia uma permissão clara de se falar nela apenas nesse contexto. Podemos observar essas características utilizando a noção foucaultiana de sexualidade como dispositivo histórico, corroborando a perspectiva que as práticas sexuais são definidas e organizadas a partir do poder que delimitam para o que é proibido e o que é permitido fazer com os corpos, e nessa fricção entre os limites do proibido e permitido os sujeitos vão construindo e sendo construídos em sua sexualidade (Bedin, Muzetti & Ribeiro, 2012).

⁶ Sigmund Freud (1856 - 1939) foi um neurologista austríaco mais conhecido pela criação da psicanálise, um método clínico para o tratamento de psicopatologias por meio da fala. Sua teoria e suas idéias são de grande influência nos saberes sobre sexualidade no séc. XX, e muitas das terapias relacionadas à sexualidade, inclusive a orgonoterapia de Wilhelm Reich, sofrem influência direta dele. (Russo, 1993, p.118; Ford & Urban 1965, p. 109)

Com a mudança de geração, as ideias sobre educação sexual foram frutificando e deram origem a variados projetos, como foi seguido por outras nas décadas seguintes, tais como e outras nos anos 60, como descrito por Ribeiro (1990), Figueiró (1995), Ribeiro (2004) Ribeiro, Bedin e Muzetti (2012):

Na década de 60, mais precisamente entre os anos de 1964 e 1969, algumas escolas pioneiras tentaram implantar a orientação sexual nos programas para os alunos [...] Eram escolas de orientação mais progressista, como o Colégio de Aplicação Fidelino de Figueiredo, orientado por Maria José Werebe e, na época, vinculado ao Departamento de Psicologia Educacional da USP (em São Paulo) [...] os colégios José Bonifácio e André Maurois (no Rio de Janeiro), este último criando um curso de orientação sexual a pedido dos próprios alunos. (Ribeiro, 1990, p.12)

Estas iniciativas demonstram como a educação sexual formal seguiu o movimento da sexologia, nascendo a partir dos ditames da medicina, na primeira metade do século XX, ajudando assim a fomentar um paradigma propício para uma implantação mais profunda de uma educação sexual no currículo escolar. O relativo sucesso destes programas piloto apontam para uma tolerância de parte da sociedade em relação a estes temas.

Com o golpe militar de 1964, houve um recrudescimento da mentalidade e o conservadorismo da novo regime fez com que iniciativas de educação sexual que estivessem em andamento fossem interrompidas e a maioria das novas propostas então estabelecidas eram negadas. O Ato Institucional 5⁷, que cassou efetivamente as principais liberdades civis centralizou o poder do Estado e colaborou para que o conservadorismo do regime militar impedisse a efetivação de programas de educação sexual. Barroso e Bruschini (1982, p. 23) dizem que “houve um retrocesso em matéria de educação sexual que acompanhou a onda de puritanismo que invadiu o país.”

Essa tomada de poder pelo exército e os valores que apoiaram o golpe e a manutenção do governo militar tinha um escopo mais amplo que apenas o universo militar. O conservadorismo presente na sociedade havia figurado como pano de fundo nas várias das iniciativas de educação sexual citadas aqui, que tinham, apesar de toda a sua inovação para sua época, uma base biologizante e higienista da sexualidade. Durante o período da ditadura,

⁷ O AI-5, abreviação de Ato Institucional 5, foi um ato do poder executivo durante a ditadura militar no Brasil. O governo autoritário governava por meio do executivo sem ser influenciado pelo legislativo, usando o instrumento dos Atos Institucionais para efetivar suas decisões. O Ato número 5 é considerado um marco na repressão da ditadura pois suspendeu as liberdades civis e institucionalizava a prisão de cidadãos por motivos políticos, criando assim um clima de perseguição e medo que irá durar alguns anos. (Napolitano, 2014)

especialmente o de maior repressão após a instituição do AI-5 em 1968, que suspendeu as liberdades civis e instituiu a censura, as questões da sexualidade e a possibilidade de se falar em educação sexual, mesmo que de forma conservadora com foco no casamento, desapareceu. O paradigma que orientava o governo militar em relação à sexualidade é que uma educação sexual serviria para “corromper os jovens”. A sexualidade “natural” não precisa ser ensinada e ela surgiria espontaneamente a partir de uma “moral correta”.

Vemos um exemplo disso no projeto da deputada Julia Steinbruck, que em 1968 tentou aprovar um projeto de lei para implantar educação sexual obrigatória nas escolas de primeiro e segundo grau (na época chamado de primário e secundário). Apenas em 1970 o projeto foi a plenário, após ser aprovado pela Comissão de Justiça pelo deputado Murilo Badaró⁸, devido à demora dos trâmites legais (Rosemberg, 1985, p.13). Curiosamente, o projeto que estava sendo encaminhado sem a presença oficial de sua autora, dado que seu mandato havia sido cassado em 1969, como consequência do ato institucional número 5, citado acima, que endureceu a ditadura militar⁹.

O projeto foi também enviado à Comissão Nacional de Moral e Civismo, esta criada no governo militar em 1969 com o objetivo de colaborar com a inserção da doutrina do regime, de moral conservadora, em várias instâncias da vida pública, entre elas a educação escolar¹⁰. Dessa forma, a interferência desta comissão nesse projeto estava no escopo do avanço do ideal conservador.

Trechos do parecer dessa comissão foi publicada no Jornal O Estado de São Paulo de 20 de novembro de 1970. Todos os integrantes da comissão, na época composta pelo Padre Francisco Leme Lopes, o almirante Benjamin Sodré e o general Moacir Araújo Lopes, foram frontalmente contrários ao projeto. Nos pareceres emitidos, é curioso notar a relação entre moral e biologia utilizada pelos pareceres. Esta relação já é anunciada por Foucault (1999) ao dizer que:

a noção de “sexo” permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres e permitiu fazer

⁸ O Estado de S. Paulo (1970) *Educação Sexual não é aprovada*. Recuperado em 20 de Abril de 2021. <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19701120-29333-nac-0006-999-6-not>

⁹ <https://www.camara.leg.br/deputados/1688/biografia>

¹⁰ Decreto que institui a comissão moral e cívica: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-publicacaooriginal-1-pe.html>

funcionar esta unidade fictícia [...] o sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal. (p.144)

Assim, o parecer do padre Leonel França (a quem o Padre Francisco Leme Lopes cedeu o espaço para se pronunciar) afirma: “a iniciação sexual, para ser verdadeiramente eficaz, **no dizer unânime de psicólogos e pedagogistas** requer um complexo de qualidades - e entre elas um respeito e amor à **pureza de cada aluno**” (grifo nosso). Também fala que “Na maioria dos casos [de ensino de educação sexual nas escolas] o efeito seria desastroso e os escândalos começariam bem cedo a contaminar as escolas, com incrível prejuízo da **saúde, higiene e moral** das novas gerações.”¹¹ (Grifo nosso).

Neste episódio fica claro como a noção biopolítica de sexo, trazida pelo Foucault, esclarece a relação entre a moral de controle dos corpos de origem cristã (notem um padre numa comissão do Ministério da Educação) e sua busca por legitimação em um amparo “científico”, com o “dizer unânime de psicólogos e pedagogistas”, bem como a união supostamente natural de dois campos diferentes que seriam igualmente aviltados pelo ensino de educação sexual nas escolas: a saúde, de fundo mais biológico, e a moral, de fundo social ou religioso.

Com esse caso de exemplo, temos como as iniciativas institucionais de educação sexual estavam paralisadas ou eram mantidas em segredo, muitas vezes perdendo o fôlego até se dissipar (Rosemberg, 1985). Mas mesmo assim, o conservadorismo sexual não era uníssono na sociedade, e uma dupla moral sexual estava presente, segundo Bedin (2016). Alguns eventos que exemplificam isso são a existência dos filmes eróticos por meio do gênero pornochanchada; a existência dos “catecismos”, pequenas revistas com conteúdo pornográfico desenhadas e distribuídas de forma amadora e o discurso da liberação sexual presente no movimento jovem de resistência à ditadura militar. Mesmo dentro da ditadura militar que durou de 1964 a 1985 no Brasil, esse movimento conservador era ambíguo. Tivemos a recepção da atriz holandesa Sylvia Kristel, estrela do filme erótico *Emmanuelle* (1974), pelo Congresso Nacional, mesmo que seu filme estivesse censurado no Brasil na época.

Também durante a ditadura militar no Brasil, a clínica sexológica, a partir da medicina, foi preparando o terreno para o ressurgimento da sexologia que veremos nos anos 1980. No fim de 1960 e início dos anos 1970, alguns médicos no Rio de Janeiro, liderados pelo ginecologista

¹¹ O Estado de S. Paulo (1970) *Educação Sexual não é aprovada*. Recuperado em 20 de Abril de 2021. <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19701120-29333-nac-0006-999-6-not>

Jean Claude Nahoum, se encontravam para estudar questões ligadas à mulher. Esse grupo ficou informalmente conhecido como “Clube da Placenta”. Com a chegada do psicólogo Araguari Chalar Silva ao grupo, a terapia sexual de Masters e Johnson¹² se tornou parte da pesquisa do grupo¹³. Já em Brasília, em 1970, o ginecologista Ricardo Cavalcanti também entra em contato com a terapia sexual por meio dos livros de Masters e Johnson e dá início ao que mais tarde será o CESEX - Centro de Sexologia de Brasília.¹⁴

Mesmo que o avanço institucional da educação sexual como tal estivesse barrado, a resistência ao autoritarismo da ditadura e o acesso aos ideais da libertação sexual vindos dos Estados Unidos fervilhavam em parte da sociedade. Segundo Russo e Rohden:

Ocorre, principalmente, entre os jovens das camadas médias urbanas letradas, uma espécie de “revolução sexual”, a partir da qual temas como as relações sexuais fora do casamento, os relacionamentos “abertos”, as relações com pessoas do mesmo sexo, além de outros tópicos, foram tomados como bandeiras e incorporados aos comportamentos. (Russo & Rohden, 2011, p.30)

É também nesse contexto que se inicia a difusão das terapias corporais, como veremos no capítulo 1.3.1. Ao não se anunciar como “educação sexual” e ao se propor como “terapia”, modelos alternativos de sexualidade vão criando algumas raízes nas camadas médias da sociedade, junto a valores de liberdade e contestação ao regime vigente. Nesse caldo cultural, vai se formando um modelo de educação sexual que irá frutificar a partir do processo de abertura democrática. (Bedin, 2016).

Fazemos um apontamento aqui que a educação sexual parece ser vista como um campo distinto da sexologia em sua história e constituição no Brasil. O estudo de Fabíola Rohden e Jane Russo sobre a constituição do campo da sexologia no Brasil (2010), um dos mais completos sobre o assunto, não toca na questão institucional do bloqueio de projetos de

¹² William Masters (1915-2001) e Virginia Johnson (1925-2013) foi um casal de pesquisadores cujo trabalho embasa a maior parte do que conhecemos como terapia sexual clínica hoje em dia. Seus trabalhos *A Resposta Sexual Humana* (1966) e *Inadequação Sexual Humana* (1970) foram os primeiros estudos clínicos em larga escala sobre sexualidade, e suas descobertas estabeleceram os princípios técnicos em terapia sexual na profissão médica.

¹³ RUSSO, Jane et al. (2011), *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil*. Rio de Janeiro, Cepesc., p. 44.

¹⁴ Russo *et. al.* *Sexualidade, Ciência e Profissão no Brasil*. (2011) p. 45.

educação sexual institucional, como o da deputada Júlia Steinbruck citado acima. Estas áreas, a educação sexual e a saúde sexual, parecem ser vistas como independentes.

Com a reabertura democrática brasileira e a redução da censura governamental nos anos 1980, a educação sexual formal e a sexologia engendram um movimento de expansão e consolidação institucional. Como exemplo desse momento, podemos citar a fundação do já mencionado CESEX – Centro de Sexologia de Brasília em 1980, e a SBRASH - Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana em 1986, em São Paulo, ambos em atividade até hoje. Esse período é chamado por alguns autores de “segunda onda da sexologia brasileira” (Béjin, 1985. Russo, 2003), onde pode ser identificada a geração de duas vertentes principais de atuação dos profissionais que se denominam sexólogos: A linha da Educação Sexual e a linha da Clínica Sexual (Russo et. al., 2011). A consolidação dos saberes sexuais permanece ligado à área da medicina, mas encontra uma crítica institucional vinda dos profissionais da linha da Educação Sexual, estes frequentemente ligados ao universo acadêmico, que critica a excessiva medicalização da sexualidade e o aparente abandono do papel da psique no estudo da sexualidade.

Nos anos 1980 vemos também o interesse da mídia de divulgar a Educação Sexual e a Sexologia como um campo de saber. Entre os exemplos que temos dessa época, o mais facilmente lembrado é o *Conversando sobre Sexo*, da Marta Suplicy, quadro que fazia parte do programa *TV Mulher*, na Rede Globo. O quadro foi ao ar de 1980 a 1986, sendo responsável por difundir os conceitos de “sexólogo” e “educação sexual” em um público que não era restrito ao ambiente acadêmico e médico (Bedin, 2016. Russo et al. 2011).

À medida que adentramos os anos 90, a sexualidade passa por uma "segunda revolução", com a introdução dos medicamentos para a disfunção erétil sendo o primeiro deles o Citrato de Sildenafil, o Viagra. (Russo, 2013). Fortalece-se uma farmacologização da sexualidade, movimento este que acaba ajudando, mesmo que involuntariamente a naturalizar posturas essencialistas da sexualidade, com a justificativa de que certos comportamentos e atitudes sexuais seriam calcadas na biologia, essencializando inclusive papéis sociais de gênero e as práticas médicas associadas a eles: A urologia, por ser uma prática médica do cuidado do homem, seria mais “científica” e propensa a medicalizar a sexualidade, enquanto a ginecologia, por se tratar de uma prática orientada para a mulher, tinha características mais “holísticas”, e levava mais em consideração o aspecto emocional (Russo et al. 2011).

Aqui lembramos novamente da noção presente em Foucault de como a sexualidade opera como um dispositivo onde se unem questões que não estão necessariamente unidas, em um processo naturalizante: Comportamentos, hormônios e funções ecológicas da espécie estão articuladas debaixo do mesmo guarda-chuva que naturaliza questões sociais, como o gênero, e as justifica com o caráter biomédico. Isso é algo presente tanto na educação sexual, como vimos na recusa ao projeto da deputada Júlia Steinbruch pela ditadura militar, quanto na saúde sexual de um período após a ditadura militar, onde já havia uma abertura maior da chamada “liberdade sexual”, proposta pelos modelos contraculturais advindos de maio de 1968¹⁵.

Indo de encontro a isso, os educadores sexuais da segunda onda da sexologia, agora mais presentes nos espaços dos institutos educacionais e universidades por meio de linhas de pesquisa e grupos de estudo (Bedin, 2010), tecerão críticas a essa naturalização de determinados comportamentos sexuais. Entre estes grupos pioneiros nas universidades estão o ProSex, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, coordenado pela médica psiquiatra Carmita Abdo, e o NUSEX, coordenado por Paulo Rennes Marçal Ribeiro, na UNESP, no Campus de Araraquara. Estes grupos são alguns dos vários grupos pioneiros que estiveram na vanguarda da pesquisa em sexualidade e educação sexual da década de 1990 (Russo et al. 2011).

Influenciados por autores como Foucault, eles criticam o excesso de controle trazido pela medicina. Apesar dessa tensão aparente dentro do campo da sexologia, os educadores sexuais reconhecem a importância do Viagra, por exemplo, pois permitiu visibilidade à questão da disfunção erétil, que sempre havia sido tratada de forma esquiva, mesmo dentro da medicina. Isso parece ter criado também um ambiente mais propício para se falar de sexualidade, e, dessa forma, criando uma aceitação maior por parte da sociedade para se realizar uma educação sexual formal nas instituições (Russo et al. 2011).

Em paralelo a estes desenvolvimentos, um saber sexual da contracultura de corpos “desviantes” também se estabeleceu, se esforçando em propor uma alternativa ao modelo

¹⁵ O Movimento de Maio de 1968 ficou conhecido mundialmente pela eclosão da cultura alternativa em reação ao que era visto como uma cultura opressiva e conservadora. Sendo um movimento plural, abarcou sob seu guarda-chuva vários movimentos distintos de libertação, como a luta feminista (mais especificamente o que é conhecido como feminismo da segunda onda), a luta antirracista, o movimento antiguerra encabeçado pelo movimento hippie contra a agressão norte-americana na guerra do Vietnã, o movimento LGBT com a revolta de Stonewall, entre outros. (Woods, 2021)

estabelecido, mas ainda operando na lógica do dispositivo da sexualidade de “falar de sexo”, como diz Foucault.

Abaixo, analisaremos como estes saberes sobre corpo e sexualidade da contracultura, e especialmente nas terapias corporais, se estabeleceram no Brasil e suas possíveis relações com a educação sexual.

1.3 Sexualidade e Terapias Corporais

Há um lugar para o corpo na terapia sexual?
Alex Iantaffi

O nome “terapias corporais” é utilizado para definir uma gama ampla de práticas e modelos terapêuticos que fazem parte do que Jane Russo (1993) chama de “complexo alternativo”, um conjunto de técnicas, práticas e crenças variadas, cuja definição é pouco nítida e sujeita a variações.

Russo, em sua tese *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*, cita Ferreira Neto (1984) para descrever as características do que seria esse “complexo alternativo” e localizá-lo historicamente. Ele seria parte de uma “cultura alternativa”, um resquício dos movimentos de contracultura dos jovens hippies dos anos 60. Esta cultura alternativa possui algumas das seguintes características básicas:

- Um “retorno à natureza”, ou seja, uma oposição consciente à sociedade industrial contemporânea.

- Uma visão “oriental” da saúde, enxergando-a de forma holística e não dual. Isso opera como uma crítica à uma visão mecanicista e biologizante da medicina e denota uma concepção específica de saúde.

- A presença de uma “espiritualidade”, muitas vezes de forma difusa e não hierárquica, operando como crítica à religião tradicional.

Essa visão holística e integrativa de práticas terapêuticas chega ao Brasil junto com outros movimentos que questionavam a abordagem presente na medicina e da psiquiatria reinantes na época, muitas vezes excludente e violenta, buscando uma padronização dos indivíduos e dos sujeitos a partir de uma lógica mercadológica (Coimbra, 1995). Essa crítica é

desenvolvida em mais detalhes por autores cujos escritos embasaram a luta antimanicomial¹⁶, como o próprio Michel Foucault. Citamos este movimento nessa dissertação simplesmente para localizar o contexto político onde as terapias corporais firmaram raízes e floresceram no Brasil, a partir da década de 1960.

Em um contexto político e social convulsionante nos anos 60 e depois em um momento opressivo durante a ditadura militar nos anos 70, o “complexo alternativo” vai se inserindo no mundo da psicologia e psiquiatria com uma abordagem “revolucionária”, tão presente no já famoso maio de 1968. Entrando em conflito também com a psicanálise, sua noção de distanciamento necessário do analista e foco na palavra falada, as terapias alternativas, em especial as terapias corporais, mudam o foco do trabalho terapêutico para se concentrar no corpo e na vivência pessoal (Frazão, 1995. Ciornai, 1995. Favre, 1995). Essa definição de complexo alternativo, apesar de precária por incluir práticas tão diferentes entre si como

¹⁶ A antipsiquiatria e o movimento antimanicomial são lutas que surgem no contexto dos anos 1960, propondo uma série de mudanças no diagnóstico e tratamento de doenças psiquiátricas, dado que a psiquiatria da época possuía práticas consideradas desumanas hoje, como a lobotomia (remoção cirúrgica das vias entre os lobo frontais e o Tálamo do cérebro) e o uso indiscriminado de eletrochoques. No Brasil, a luta antimanicomial é ligada à Reforma Sanitária Brasileira, movimento social que buscava tornar acessível a saúde no país durante a abertura democrática na década de 1980. (Oliveira, 2011)

homeopatia¹⁷, a Ufologia¹⁸, o Santo Daime^{19 20} e a Biodança²¹ (Russo, 1993), é uma referência importante para localizar onde o universo das terapias corporais, muitas com base em Reich, irão ser encontradas durante o período pesquisado.

É interessante notar a relação destas varias práticas com as práticas clínicas da psicologia e da psiquiatria. Muitos de seus fundadores ou figuras seminais, como Rolando Toro no caso da Biodança e o próprio Wilhelm Reich, tiveram experiências com o aparato *psi* e propuseram uma mudança nas metodologias de se lidar com a psique humana.

Coimbra (1993) descreve em *Guardiões da Ordem*, como as ciências e práticas *psi*, a psicologia, a psiquiatria e mesmo a psicanálise muitas vezes operavam como forma de conformação dos sujeitos desviantes ao status quo. No contexto da ditadura militar no Brasil,

¹⁷ A homeopatia é uma prática terapêutica criada pelo médico alemão Samuel Hahnemann (1755 - 1843) que trata através dos semelhantes. Ela se baseia no princípio hipocrático de que é possível se curar tanto pelos contrários como pelos semelhantes. Utilizando conceitos como similitude, doses infinitesimais do princípio ativo de um medicamento e cura pelo semelhante, seus medicamentos podem ser extraídos tanto do reino mineral quanto vegetal e animal a partir de onde se extrai o princípio ativo que age na energia vital do paciente e o traz de volta ao equilíbrio, realizando a cura e alívio dos sintomas. No Brasil, a Homeopatia foi reconhecida como especialidade Médica em 1989, pela Associação Médica Brasileira, tendo sido então seguida pelas outras profissões prescritoras (aquelas que podem prescrever medicamentos) no Brasil, como Odontologia e Medicina Veterinária. Atualmente a Homeopatia faz parte das Práticas Complementares do Ministério da Saúde, onde Médicos Especialistas estão atuando em vários estados da Federação, por meio do SUS (Sistema Único de Saúde), como mais uma possibilidade terapêutica, semelhante à Acupuntura, Fitoterapia e outras modalidades alternativas. Hahnemann, Samuel (1833). *The homœopathic medical doctrine, or "Organon of the healing art"*. Dublin: W. F. Wakeman. pp. iii, 48–49.

¹⁸ Ufologia é o conjunto de assuntos e atividades associadas com o interesse em objetos voadores não identificados, abreviados como OVNI, e fenômenos associados (alegados contactos com tripulantes, sequestros, comunicações telepáticas etc.) Desde o final do século XIX, a ficção especulativa já criava histórias sobre a vida em outros planetas, como Marte. Ao longo do Século XX, as práticas e estudos sobre seres extraterrenos se expandiu e se misturou com práticas religiosas, tais como a Cientologia, de L. Ron Hubbard, e a Cultura Racional, de Manoel Jacintho Coelho, no Brasil. Alguns de próprios adeptos a consideram uma pesquisa e não uma ciência de fato, como a biologia, por exemplo. Mufon. (2010) *What is Ufology?*. Consultado em 21 de Fevereiro de 2021 Disponível em <https://www.mufon.com/ufology.html> .

¹⁹ O Santo Daime é uma manifestação religiosa da região amazônica que emergiu nas primeiras décadas do Século XX. É uma doutrina com base no espiritismo e que tem como fundamento de sua prática religiosa o uso ritual do chá Ayahuasca, uma bebida enteógena que provoca alterações do estado de consciência. Fundada por Raimundo Irineu Serra (1892 - 1971), também conhecido como Mestre Irineu, hoje ela está espalhada pelo Brasil e influenciou o uso ritual de Ayahuasca em outros espaços religiosos sincréticos. Em 2008, Gilberto Gil, ministro da cultura na época encaminhou ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional época, um processo para que o uso do chá de ayahuasca seja reconhecido como patrimônio imaterial da cultura brasileira. Em 2010, o governo brasileiro formalizou o uso do chá com fins religiosos, proibindo a sua comercialização.

²⁰ Um dos colaboradores frequentes nas primeiras edições da Revista Rádice, revista de psicologia de 1976 a 1981 falando de práticas alternativas, era o exilado político Alex Polari. Polari hoje é líder de uma das maiores congregações de Santo Daime do Brasil .

²¹ A biodança, é um sistema de integração e desenvolvimento humano criado na década de 1960 por Rolando Toro, psicólogo e antropólogo chileno. Sua metodologia, baseada em "vivências", que inclui movimentos, música, toque, e situações de encontro não verbal em um contexto de grupo, foi primeiro testada no Hospital Psiquiátrico de Santiago e no Instituto de Estética da Universidade Católica de Chile, onde fez suas primeiras experiências do seu sistema. Seu nome, um neologismo criado a partir das palavras *bio* (vida, em grego) e dança infere sua relação com a perspectiva holística muito presente no período de contracultura pesquisado. <http://biodanza.org/pt/>

como já vimos, o *status quo* da sociedade era conservador e repressor, sustentando e sendo sustentado por uma prática política autoritária por parte do governo. Soares (2016) considera que a ditadura militar tinha uma tendência em perseguir corpos e práticas que se encontravam fora do que era considerado a “norma” social. Nessa direção, o regime utilizava o discurso tanto da moral cristã quanto justificativas biologizantes para o comportamento masculino e feminino. Nessa atmosfera, a contestação de 1968 que veio eclodir tardiamente no Brasil produz frutos de resistência às práticas clínicas tradicionais. Castel, citado por Russo, enxerga as terapias corporais como “herdeiras”, embora bastardas, da psicanálise freudiana.

Nesta perspectiva contracultural na qual o “pessoal é político” e a “revolução se faz no cotidiano” advinda da primavera de 1968, o complexo alternativo no Brasil se coloca fora tanto do *status quo* conservador da ditadura militar quanto da luta armada de esquerda que resistiu ao regime. Autores como Soares (2016) e Schprejer (2009) descrevem também o incômodo de guerrilheiros da luta armada e membros dos partidos clandestinos na época, como o PCB (Partido Comunista Brasileiro), com uma sexualidade diferente da heteronormativa, chamando aquilo que consideram como desvio de afetação burguesa. Mesmo militantes homossexuais não podiam assumir e vivenciar sua sexualidade da forma que gostariam, como descreve Herbert Daniel, em seu memorial de sua vida como militante da luta armada:

O sexo não era uma grande preocupação política, achávamos. Militantes, tínhamos outros assuntos a abordar. Sexo era uma questão pessoal. E foi sempre assim. Como problema íntimo, só discuti tal matéria com amigos chegados. Ângelo, com quem discutia Freud e outras questões paralelas e pessoais, depois de uma noite inteira em que faláramos da (minha) homossexualidade chegou a uma dúvida definitiva: - Não sei como é que o materialismo histórico pode explicar a homossexualidade. (Daniel, 1982. p.96 *apud* Soares, 2016, p.169)

As terapias corporais estavam presentes no bojo dessa “revolução cultural”. Várias outras práticas terapêuticas, muitas com um foco importante nas relações sociais entre os

sujeitos, como a Gestalt-terapia²² e o Psicodrama²³ (Ciornai, 1995), envolviam e se relacionavam com o corpo em seu modelo clínico, mas não se concentravam nele como elemento central para a ação terapêutica.

No bojo desse paradigma, surgem as chamadas “terapias corporais” que, embora sejam variadas em suas técnicas e modelos, têm em comum o foco central no corpo físico e uma referência, explícita ou implícita, ao trabalho de Wilhelm Reich, conhecido como “Orgonoterapia” ou “economia sexual” nos anos 80. Hoje em dia estes termos são menos comuns, sendo mais frequente que terapeutas e profissionais que utilizem os fundamentos da teoria de Reich em sua prática clínica se definam como “neo-reichianos”. Para compreender melhor de onde vêm os conceitos que embasam as terapias corporais, bem como a sua ascendência conceitual em relação a outros campos de conhecimento, adentraremos um pouco na biografia e vida de Wilhelm Reich e sua “ciência orgonômica”.

1.3.1 - Wilhelm Reich na raiz das terapias corporais: “Uma ciência do orgasmo”

Wilhelm Reich (1897/1957) foi um psicanalista e médico responsável pela criação da “orgonoterapia”, também chamada nos anos 1980, no Brasil, de “vegetoterapia” e “economia sexual”²⁴. Discípulo de Freud, sua vida e pesquisa são objeto de curiosidade e polêmica até hoje. O seu trabalho e sua biografia são importantes para contextualizar a sua influência no movimento das terapias corporais no Brasil

Nascido no Império Austro-Húngaro em 1897, em uma pequena aldeia, se mudou para uma extensa propriedade rural com a família ainda criança. Sua infância é mais detalhadamente explorada em sua autobiografia, que descreve com detalhes alguns eventos que o marcaram, como o espancamento de um trabalhador rural por seu pai, sendo que este trabalhador não

²² A Gestalt-terapia é um modelo de psicoterapia que trabalha com os conceitos de responsabilidade de si mesmo e da experiência individual do momento atual (chamado também de aqui e agora). Desenvolvida pelo psicoterapeuta Fritz Perls (1893-1970), a sua abordagem levam consideração o ambiente e o contexto social que constituem o ser. A partir da publicação do livro *Gestalt-therapy* (1951), a teoria e a prática terapêutica dessa modalidade se difundiram pelo mundo, tendo especial relevância dentro do complexo alternativo da contracultura pelas seus conceitos filosóficos afinados com aquele paradigma, como o “aqui-agora” e a “vivência” como norteadores. (Nevis, 2000)

²³ Psicodrama é um método de ação e reflexão, frequentemente utilizada com fins psicoterapêuticos, onde os participantes utilizam dramatizações espontâneas, interpretação de papéis e auto-apresentação dramática como forma de investigar e aprender sobre suas vidas. Criado pelo médico e psiquiatra romeno Jacob Levy Moreno (1889-1974), foi um dos primeiros métodos sistematizados de *terapia de grupo*. Mesmo após o falecimento do seu fundador, a influência dessa técnica ainda é sentida nas práticas do complexo alternativo e na psicoterapia atual.

²⁴ Russo, Jane. O corpo contra a palavra, 1993.

esboçava reação à violência. Esta experiência pode ser ilustrativa de uma questão central para Reich em toda a sua obra futura, que é a investigação da aceitação da dominação pelo dominado. (Albertini, 2011)

Reich foi educado em casa com tutores particulares. Após o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, as propriedades rurais se tornaram inseguras devido ao conflito que se instalava. Percebendo o risco que estava correndo, Reich decide se alistar como voluntário do Exército Austro-Húngaro. Ele participa da guerra de 1915 a 1918 como oficial do exército, chegando à patente de tenente.

Após a guerra, com dificuldades de se readaptar à vida civil, se mudou para Viena, onde começou a estudar medicina. Reich se sentia limitado pelo que ele entendia como uma visão mecanicista da medicina da época (Sharaf, 1994). Ao conhecer o trabalho de Sigmund Freud, pai da psicanálise, em 1919, se encanta por suas ideias e prática clínica, começando a praticar a psicanálise e indicado pelo próprio Freud para ser seu assistente em sua clínica em 1922, chegando a ser diretor da mesma clínica de 1928 a 1930. (Weinmann, 2002)

Sua pesquisa era norteadas por princípios freudianos, tais como libido e resistência²⁵, e buscava preencher as lacunas que ele via existir na prática da psicanálise. A pergunta que guiava a sua investigação clínica era: Qual a fonte de energia das neuroses e qual o destino da energia da excitação de uma neurose? Sua pesquisa o levou a afirmar que o foco das neuroses e doenças psíquicas e mesmo físicas eram oriundas de uma ausência de “potência orgástica” que ele definiu como

a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo. (Reich, 1975, p. 55).

O trabalho de Wilhelm Reich tinha uma proposta socialmente consciente, mas não diretamente política, segundo ele mesmo (1975, p. 15). Reich encontrou dificuldades com a prática psicanalítica ao trabalhar na Clínica Psicanalítica de Viena para pessoas pobres, em 1922. Confrontado com as dificuldades de sobrevivência a que seus pacientes eram submetidos,

²⁵ Os conceitos estabelecidos por Freud ao falar da mente humana tiveram profunda influência no universo da psicologia nos anos que se seguiram, e até hoje possui relevância teórica ao se falar da psique humana.

ele começou a divergir da psicanálise freudiana e iniciou o desenvolvimento de um modelo no qual a excitação sexual e o orgasmo eram centrais para o sucesso terapêutico.

Reich se torna membro do Partido Comunista Austríaco em 1928 e funda a Sociedade Socialista para Consulta sobre Sexo e Pesquisa Sexológica. Em 1930, se muda para Berlim, fundando nesta cidade a Associação Alemã para a Política Sexual Proletária. Com a ascensão do fascismo e a ameaça nazista na Alemanha, o fato de Reich não expressar um posicionamento político mais firme começa a lhe criar problemas. Foi expulso do Partido Comunista em 1933 pelo foco que seu trabalho tinha sobre a sexualidade (que alguns dirigentes partidários diziam ser uma afetação burguesa²⁶) e em 1934 da IPA, a Associação Internacional de Psicanálise, principal detentora e difusora do legado de Freud na época, por ter sido parte do partido comunista.²⁷

Para fugir do nazismo, Reich sai de Berlim e passa pela Dinamarca e Suécia em 1934 até se estabelecer na Noruega, onde dá aulas no Instituto de Psicologia da Universidade de Oslo durante 5 anos. (Russo, 1993). Durante esse período, postula que o orgasmo sexual se organiza como uma “descarga bioelétrica” e que o conceito de “libido” de Freud na verdade se refere a uma substância química. Realizou experimentos para tentar provar a existência do que chamava de bions, partículas orgânicas que seriam evidências concretas de sua teoria. Ao pedir que seus experimentos fossem confirmados por patologistas e biólogos noruegueses, ficou irritado quando eles negaram seus resultados, atribuindo-os a infecções bacteriológicas no material utilizado. Este embate público se tornou um problema para ele quando seu visto de permanência na Noruega expirou, em 1938. Vários cientistas foram contra a renovação de seu visto. Após este imbróglio, a permanência de Reich foi aceita na Noruega, mas seria necessária uma licença para continuar praticando psicanálise, licença que o governo norueguês não iria oferecer (Sharaf, 1994).

Em 1939, Reich se muda para os Estados Unidos da América e declara que havia descoberto o “orgônio”, uma extensão da ideia de “libido” de Freud. O “orgônio” seria uma espécie de energia onipresente, responsável pela vida no planeta. Nos próximos anos, Reich se dedica a construir “caixas orgônicas” com o objetivo de acumular esta energia e utilizá-la com

²⁶ Essa relação ambígua dos partidos comunistas com a sexualidade e o corpo também será encontrada nos movimentos de combate à ditadura militar no Brasil, como descrito por Anderson da Silva Soares em sua dissertação de mestrado *Discursos e representações do corpo durante a ditadura militar no Brasil (1968-1979)*. Falaremos um pouco mais sobre essa relação no Cap. 2.

²⁷ A IPA tentava se manter neutra politicamente na época, fazendo concessões ao partido nazista que estava no poder ao expulsar comunistas de suas fileiras.

fins terapêuticos e medicinais. Por esse motivo e pelo seu envolvimento no partido comunista austríaco antes da segunda guerra, o governo americano passa a investigá-lo e persegui-lo. Reich é processado em 1954 por ter atribuído a cura do câncer à caixa orgônica. Sendo preso em 1956, falece na prisão vítima de um ataque cardíaco.

Independente de suas controvérsias ao longo da sua vida, a influência de Wilhelm Reich no universo das terapias corporais é inegável (Santos, 2008). O conceito de “orgônio”, desenvolvido em um período histórico no qual teorias que postulavam a existência de uma energia vital de forma não mecanicista ainda tinham um prestígio considerável na medicina²⁸; pode parecer controverso para nós, mas criou espaço para uma proposta terapêutica que fosse focada no prazer sexual e no orgasmo, o que influenciou as terapias corporais que se difundiriam mais tarde.

Wilhelm Reich foi um pioneiro ao propor o corpo como *locus* central do tratamento das questões psíquicas e mesmo as questões sociais advindas destas, pois ele via os problemas sociais como consequência das dores psíquicas, e estas tinham a sua origem no corpo biológico, especialmente na repressão sexual²⁹. A falta de “potência orgástica” nas pessoas e a estagnação da “energia sexual” geraria as neuroses e males psíquicos. Dessa forma, enquanto outros autores falavam da estrutura mental ou do ambiente social como pontos fundamentais a serem endereçados na terapia ou na luta social, Reich focava no corpo físico, chegando às últimas consequências desse pensamento ao querer criar postulados para a biologia, com o seu “orgônio”. Mesmo que os seus experimentos biológicos não tenham gerado os frutos que ele esperava, sua insistência em um corpo livre e no orgasmo como fundamentais para o bem estar da sociedade tem implicações que são sentidas até hoje, anos depois de sua morte. E é isso que perceberemos também ao analisar a relação do corpo e das terapias corporais com o ambiente que os cercava nos anos 1960, 1970 e 1980, objeto de estudo desta dissertação.

²⁸ James Strick, The Historic Context of Reich's Laboratory Work, palestra resumida em http://www.jackflannel.org/orgonon_2005.html, Arquivado em 23 de Dezembro, 2005, na [Wayback Machine](#)

²⁹ Reich, Wilhelm. (1933) A psicologia de massas do fascismo.

2. HISTÓRIA DAS TERAPIAS CORPORAIS NO EIXO RIO-SÃO PAULO NAS DÉCADAS DE 1960, 1970 E 1980

A chegada e difusão das terapias corporais no Brasil não ocorreu de maneira coordenada e monolítica. Assim como a trajetória da educação sexual formal no Brasil está atrelada aos saberes da medicina (Bedin & Ribeiro, 2013), a trajetória das terapias corporais foi influenciada pelos saberes da psicologia e da psicanálise, visto que uma de suas figuras centrais é Wilhelm Reich, que foi discípulo de Sigmund Freud. Embora nem todas as “terapias corporais” possam ser consideradas “reichianas”, Reich é influência inegável nesse campo (Santos, 2008, p. 85).

Autores e autoras como Cecília Coimbra, Lilian Meyer Frazão, Sergio Perazzo e Regina Favre relatam que a consolidação das “terapias corporais neo-reichianas” ocorreram no Brasil como decorrência do Movimento do Potencial Humano, originado na "cultura alternativa" dos anos 60 em Esalen, na Califórnia. Este movimento envolvia uma série de práticas e metodologias que se propunham ser “alternativas à psicanálise” (Albertini, 2011). No livro *Gestalt-Terapia, Psicodrama e Terapias Neo-Reichianas no Brasil: 25 anos depois* (1995), são mapeadas as trajetórias iniciais dessas práticas no Brasil. Cecília Coimbra, em *Guardiães da Ordem: Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do milagre* (1995), corrobora o mapeamento feito no livro organizado por Ciornai.

Nestas obras, fica claro como estas práticas do “complexo alternativo” estão ligadas umas às outras por alguns elementos que perpassam suas práticas, tais como uma ênfase considerável em processos psicoterapêuticos focados na vivência e na expressão emocional e uma atitude avessa à formalização e rigidez metodológica. (Albertini, 2011)

A análise dos registros sobre a origem desses movimentos e o contexto no qual elas surgiram, começa a se desvelar não só os eventos em si que foram registrados, mas também como se situa o olhar daqueles que escreveram sobre eles, como Cecília Coimbra e Jane Russo, entre outros autores já citados. É perceptível a presença de uma crítica contundente ao papel da psicanálise e da *cultura psi* nos sujeitos e nas práticas terapêuticas advindas da psicologia e psiquiatria do período anterior à chegada do “complexo alternativo” ao Brasil. Entre as críticas mais presentes estão a "neutralidade" do psicanalista ou psicólogo em relação ao seu paciente e um esquecimento deliberado da existência de uma relação de poder nessa relação. (Coimbra, 1995).

Fazemos um adendo aqui do que é compreendido como *cultura psi*, da qual fazem parte a psicologia e a psicanálise, mas não apenas isso. Plotkin e Russo (2017) escrevem:

Entendemos como culturas psi não apenas o desenvolvimento das disciplinas científicas voltadas para o estudo e a gestão da subjetividade e da mente, mas também todos os discursos e práticas associados a tais disciplinas, bem como as formas de recepção, circulação e disseminação delas. O uso do termo no plural visa enfatizar a multiplicidade de modos e níveis em que os saberes psi permeiam as culturas locais e a variedade das formas que adquiriram suas diversas recepções e implantações. (Plotkin & Russo, 2017).

Nesse sentido, a chamada cultura *psi* vai fazer parte e se relacionar com outras instâncias da gestão dos corpos e da sexualidade, como a igreja, o estado e a mídia. Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), a psicologia e a psiquiatria foram instrumentalizadas e estas disciplinas por várias vezes produziram discursos e saberes que reafirmavam o status quo conservador da época, categorizando aqueles que se insurgiam contra o regime, tanto os resistência armada quanto da oposição política como desajustados sociais. Sua revolta teria algum motivo psicológico profundo, provavelmente ancorado na infância (Coimbra, 1995). Isso vai legitimar também uma interiorização do conflito social, advogando que todos os problemas e dificuldades se resolvem unicamente na esfera individual.

A partir deste panorama, foi sendo criada uma cultura de resistência aos poderes instituídos, incluindo aí a psiquiatria e a psicologia como ciências médicas. Ela pode ser observada nos textos e registros produzidos na época. Em uma matéria do caderno B do Jornal do Brasil de 23 de Abril de 1981 é descrito o segundo simpósio "Alternativas no espaço Psi", cujo tema era "Política do Corpo", sendo este também o título da matéria que descreve o simpósio.

Este simpósio, como veremos mais adiante no capítulo, fazia parte de uma iniciativa de terapeutas corporais ligados à Rádice, revista de psicologia alternativa que durou de 1976 a 1981, transmutando-se depois em uma jornal chamado "Rádice: Luta e Prazer", e depois simplesmente "Luta e prazer". Esta fluidez do título da revista e do jornal ao longo do tempo está em consonância com os ideais anárquicos da contracultura que gestaram estas iniciativas, algo exemplificado nos eventos descritos na matéria, como "Um dos muitos cartazes pregados pelos participantes, escrito à mão, definia as intenções: 'Ontem discutíamos se a revolução seria operária ou camponesa. Hoje discutimos o melhor prazer, o melhor orgasmo' e 'Enquanto uns

falavam, numa sala, de alimentação natural, na outra acontecia um psicodrama, numa terceira se analisava um parto natural, numa quarta se aprendia a Bioenergética”

As críticas e apontamentos tecidos pelas autoras que utilizamos como referências, como Cecília Coimbra (1995), Jane Russo (1993) e Regina Favre (1995), também ecoam em um momento histórico específico. Na primeira metade dos anos 1990, estes mapeamentos das terapias corporais e do complexo alternativo foram realizados posterior à repressão da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Aqui, as terapias corporais e toda a cultura alternativa já não operavam como uma resistência a um regime autoritário, como aconteceu nas décadas de 1970 e 1980, com uma proposta de uma nova terapêutica anárquica. Nesta década de 90, passa a haver uma busca por legitimação e estruturação dentro, ou pelo menos das terapias psicológicas tradicionais, ou pelo menos de forma paralela a elas, não mais em confronto. É importante mencionar que existem profissionais reichianos e terapeutas corporais que trabalham nessa contraproposta anárquica até hoje, como o Cê Ralph, editor-chefe da revista *Rádice*^{30 31}, e João da Mata, colaborador e herdeiro da Somaterapia³², de Roberto Freire.

É visível o direcionamento de alguns autores, especialmente os das terapias corporais e neo-reichianas, para uma maior estruturação de sua prática, com foco na prática clínica. Isso é visto como algo positivo e necessário por alguns autores como Regina Favre, ao recapitular a trajetória das terapias neo-reichianas³³ (1995), mas também é observado com alguma desconfiança por outros autores como Jane Russo e Cecília Coimbra, que perguntam se as terapias corporais não estão se tornando tão rígidas como a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise ortodoxas que elas criticaram por tanto tempo³⁴.

Depois de conhecermos a multiplicidade de pontos de vista sobre essa questão nos autores que analisamos, bem como nos documentos históricos avaliados, iniciaremos uma análise cronológica das chamadas terapias corporais em alguns de seus focos centrais.

³⁰ A *Rádice, Revista de Psicologia* (1976-1981), será usada como exemplo de registro de época sobre as terapias corporais. Falaremos em mais detalhes dela no próximo capítulo.

³¹ Ralph trabalha hoje com psicoterapia corporal em uma perspectiva holística.

³² A Somaterapia é uma metodologia de terapia corporal criada pelo psiquiatra Roberto Freire durante a ditadura militar. Iremos explorá-la um pouco mais ao falarmos da gênese das terapias corporais no Brasil.

³³ Favre, in Ciornai. (1995)

³⁴ Russo (1993) e Coimbra (1995).

2.1. Terapias corporais no Brasil: uma história

Os primeiros registros que temos destas “terapias corporais” no Brasil são de José Ângelo Gaiarsa, em meados dos anos 1960, em São Paulo. Gaiarsa, psiquiatra de formação, tem contato com a obra de Reich durante os anos 60 e começa a aplicá-la em sua prática clínica de forma autônoma. A partir da década de 70 começamos a ter registros mais consistentes destas práticas, embora ainda de forma muito esparsa. Ao refletir sobre isto, Coimbra comenta que:

Entretanto, da mesma forma que as práticas psicodramáticas no Rio de Janeiro, as gestaltistas no Rio e em São Paulo, também as “corporais” não dispõem nestes dois espaços geográficos de nenhum material escrito sobre sua história. A cultura “neo-reichiana” no Brasil é profundamente oral, bem dentro da tradição do movimento contracultural. (Coimbra, 1995, p. 300)

A consideração de Coimbra reflete também a proximidade entre o Psicodrama, a Gestalt-terapia e as terapias corporais pelo fato da cultura de todas elas serem profundamente orais. Após o comentário de Coimbra, publicado em 1995, houve algumas tentativas de mapeamento dos registros das práticas corporais, como a tese de doutorado de Alessandra Daflon dos Santos (2008) sobre a revista *Rádice*, uma das principais referências sobre as terapias corporais no Brasil e serviu de documento histórico importante no registrar desse período.

Com isto em mente, escolhemos dois espaços centrais para nossa análise dos registros sobre a difusão de terapias corporais: São Paulo e Rio de Janeiro. Embora as terapias corporais também tenham alcançado outros locais do país, tais como Porto Alegre e Belo Horizonte³⁵, estes outros movimentos carecem de uma documentação detalhada sobre estas práticas. Como Coimbra (1995) e Santos (2008) afirmam, os eventos, cursos e a prática de terapias corporais, bem como a sua transmissão era realizada de maneira informal, carecendo de uma institucionalização que veio ocorrer apenas mais tarde.

Devido a isso, a bibliografia pesquisada versa sobre a difusão das terapias corporais nestas duas cidades de forma mais detalhada, fazendo apenas menção a outros centros. A história das terapias corporais nestes outros espaços pode ser um objeto de pesquisa futuro para expandir o catálogo destes registros históricos, bem como comparar a forma de registro e os

³⁵O material colhido por Alessandra Daflon dos Santos, em sua tese sobre a revista *Rádice*, revista importante na trajetória das terapias corporais no Brasil, descreve que a revista também era distribuída fora do Eixo Rio-São Paulo, mas que a maior quantidade de eventos ligados às terapias corporais ocorre nesse eixo.

contextos históricos, geográficos e culturais que moldaram a forma como estes registros foram elaborados.

2.1.1. Em São Paulo

José Ângelo Gaiarsa foi um dos primeiros profissionais a utilizar a obra de Wilhelm Reich em seu trabalho de psicoterapia. Psiquiatra de formação, Gaiarsa inseriu a abordagem corporal em seus atendimentos já em 1960. Ele é referenciado por alguns autores como uma figura única, libertária, anárquica. Regina Favre chama Gaiarsa de “Reichiano de geração espontânea” e diz que ele “não é filho de ninguém”, se referindo ao seu caráter autodidata. Ao longo das décadas de 1960 e 70, seu trabalho influenciou o que se pode chamar de “primeira geração” de terapeutas “corporais” de São Paulo. Esta geração de profissionais tinha em comum o rechaço à psicanálise praticada na época, especialmente aquela chancelada por instituições tidas como “oficiais”, em especial a IPA³⁶. (Coimbra, 1995; Russo, 1993.)³⁷

Este grupo inicial criou um terreno fértil para que, na segunda metade da década de 70, várias formações terapêuticas com abordagem corporal criadas pelos discípulos de Reich chegassem ao Brasil. A Bioenergética, de Alexander Lowen,³⁸ e a Biodinâmica, de Gerda Boyesen³⁹, são trazidas pelo Instituto Sedes Sapientiae ao Brasil. Logo em seguida, surgem outros centros em São Paulo como o **Ágora**, o **IPE** e a **Associação Wilhelm Reich** (Coimbra, 1995).

Algumas destas instituições, embora influenciadas pela abordagem corporal de Wilhelm Reich, ensinavam uma versão “higienizada” da mesma, na qual as questões de transformação social e política, incluindo as relativas à sexualidade, ficavam em segundo plano. Seguindo a

³⁶ Associação Internacional de Psicanálise, fundada por Sigmund Freud e uma das principais difusoras da psicanálise

³⁷ Cecília Coimbra (1995) e Jane Russo (1993) descrevem os rompimentos e reorientações do movimento psicanalítico no Brasil, que também foi reflexo da dissidência promovida por Jacques Lacan em relação à sociedade “oficial” de psicanálise no mundo, a IPA, e como isso reverberou nas orientações terapêuticas da psicologia da época, especialmente aquela ligada à psicanálise. Para uma descrição mais detalhada, ver Russo (1993) e Coimbra (1995).

³⁸ Alexander Lowen, (1910-2008) criador da Análise Bioenergética, foi discípulo de Wilhelm Reich e desenvolveu uma abordagem própria a partir dos conceitos de seu professor. Seu modelo terapêutico têm uma influência considerável nas terapias corporais hoje. Lowen se diferencia de Reich ao focar sua terapia e modelo teórico no corpo individual do paciente, diminuindo a importância da cultura ou sociedade que o envolve. Lowen é considerado por alguns autores, como Cecília Coimbra, como um “Reich” de direita, devido à sua absorção rápida pelo sistema de mercado vigente e a sua ênfase na transformação individual ao invés da coletiva. Mas se colocar “acima” da disputa política vigente já é uma tendência observada na obra de Reich.

³⁹ Gerda Boyesen (1922-2005), fundadora da Psicologia Biodinâmica, foi discípula de Ola Raknes (1887-1975), que estudou diretamente com Wilhelm Reich, tendo sido influenciada pelos seus conceitos quanto à abordagem corporal da psicoterapia.

visão de alguns discípulos de Reich como Lowen, Boyesen e David Boadella⁴⁰, estas formações têm um foco no desenvolvimento do indivíduo sem levar em conta o seu contexto social. Coimbra (1995, p. 278) conclui que “a produção político social do corpo, enfatizada por Reich, é totalmente esquecida por Boadella, Lowen e Gerda e outros de seus discípulos norte-americanos. A dimensão sócio revolucionária da terapia reichiana, em suas primeiras fases, desaparece com esses discípulos.”.

Entre as exceções a essa regra está o já citado José Ângelo Gaiarsa, e Roberto Freire⁴¹, o criador da Somaterapia. A proposta da Somaterapia, ou *Soma*, como Roberto Freire chamava, era de ser uma *terapia anarquista*. Ela é se caracteriza por ser "um processo terapêutico, realizado em grupo e com ênfase na articulação entre o trabalho corporal e o uso da linguagem verbal. Foi criada no Brasil pelo escritor e terapeuta Roberto Freire, a partir da obra de Wilhelm Reich e sua psicologia corporal e política (Da Mata, 2017). Ela é a única das “terapias corporais” da época que fala explicitamente em sua teoria sobre a natureza política⁴² de sua prática. Sua influência permanece até hoje e se expande para além do eixo Rio-São Paulo, analisado neste texto. Em seu trabalho não há uma menção específica sobre educação sexual, e sim uma ideia de “desbloqueio” da sexualidade e do corpo, como outros terapeutas reichianos. A partir disso, seria possível encontrar uma sexualidade “natural”. Ao falar dessa sexualidade “natural”, Coimbra (1995, p.287) cita Castel para apontar que as práticas de Roberto Freire parecem dar indícios de um “rousseauismo”⁴³ sonhador que exalta a espontaneidade”. Esse conceito de uma sexualidade “natural” é algo advindo da teoria de Reich e presente em muitas das terapias corporais no Brasil da época. (Russo, 1993). Essa perspectiva é uma constante, independentemente da implicação política que estes sujeitos escolheram manter.

⁴⁰ David Boadella (1931-), criador da modalidade terapêutica “Biossíntese” foi discípulo de Ola Raknes, sendo considerado um terapeuta reichiano da segunda geração, assim como Gerda Boyesen.

⁴¹ Roberto Freire (1927 - 2008) foi um psiquiatra, jornalista, escritor, dramaturgo e criador da *Somaterapia*.

⁴² Roberto Freire, *Soma: Uma terapia anarquista* (1988) p. 52.

⁴³ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi um filósofo genebrino. Sendo um dos principais filósofos que influenciaram o período conhecido como Iluminismo, em seus escritos ele advoga que o ser humano é naturalmente bom, mas é corrompido pelas instituições sociais que lhe tiram a liberdade. Para Rousseau, se estas barreiras e opressões sociais forem eliminadas, será possível educar as pessoas de acordo com a Natureza. Essa visão de mundo influenciou vários movimentos ao redor do mundo, desde a Revolução Francesa até maio de 68. É notável como as terapias corporais e o complexo são afetados por este ideal, dado que muitas delas advogam o abandono dos antigos padrões sociais que são considerados opressores em troca de um novo modelo de sociedade que ainda não foi construído, mas que pode sê-lo facilmente.

2.1.2. No Rio de Janeiro

Já em terras cariocas, a chegada das “terapias corporais” se dá em meados dos anos 70, para então nos anos 80 florescer de forma mais ampla. A partir de 1975, alguns profissionais começam a aplicar o trabalho de Wilhelm Reich em seus consultórios. Parte deles aprendeu seus princípios de forma autodidata, lendo livros como *A Função do Orgasmo* e *Análise do Caráter*, onde Reich descreve a sua metodologia. Outros haviam viajado para diferentes países e participado de formações por lá, dado que nesse período ainda não havia formações estruturadas no Brasil (Coimbra, 1995, p. 289)

Em 1976, Carlos Ralph, conhecido como Cê Ralph, funda a revista *Rádice*, que aborda o campo dos profissionais da psicologia na época, de uma perspectiva tida como *marginal*. (Santos, 2008). Ao questionar as práticas da psicologia da época a partir da ótica contracultura do período, ao longo de seus números a revista conta com textos de vários terapeutas corporais reichianos, bem como traduções de textos originais de Reich.

A história da revista confunde-se com a de seu criador e do grupo que a produzia⁴⁴ (Santos, 2008, Schprejer, 2009), mas no seu desenvolvimento ficam claras as influências da mesma para a difusão das terapias corporais e consequente estímulo do diálogo sobre sexo e sexualidade. Segundo Ralph⁴⁵, o trabalho de Wilhelm Reich entrou de vez na revista a partir da edição 8, cujo tema central era “Sexo” e trazia artigos com títulos e temas relacionados à Sexualidade e Educação Sexual⁴⁶, assim como as críticas e elogios que a edição 12 recebeu, ao falar explicitamente de sexo e relacionamentos. Por esta edição, eles foram acusados de se afastar das questões da psicologia, chegando a sofrer um impacto financeiro pela diminuição de assinaturas e vendas. Curiosamente, pelo mesmo motivo, alunos do curso de Psicologia da UFF decidiram homenagear a revista e a escolheram como Patrona da turma do primeiro semestre de 1980. (Santos, 2008, p. 147).

⁴⁴ Segundo Santos (2008), esse grupo era composto em sua maioria por psicólogos e estudantes de psicologia. Ele também incluía artistas e jornalistas. O grupo inicial se expandiu e fez a revista chegar a outros lugares além do Rio de Janeiro, onde era produzida, como Belo Horizonte e Porto Alegre.

⁴⁵ A experiência *Rádice*. <https://revistalacuna.com/2015/09/29/a-experiencia-radice/>

⁴⁶ Podemos citar como exemplo o artigo “Educação Sexual, qual?”, de Elias Fajardo, e um texto sobre sexualidade nas prisões, do preso político Alex Polari de Alverga.

A revista *Rádice* organiza, de 1980 a 1984, os simpósios “Alternativas no espaço Psi”⁴⁷. O segundo e o terceiro deles têm referências explícitas a corpo e corporalidade no tema⁴⁸. (Santos, 2008, p. 150).

A matéria do *Jornal do Brasil* de 23 de abril de 1981 descrevendo o segundo simpósio nomeado “Política do corpo”, chama a atenção para a relação entre aquele acontecimento e a contracultura de maio de 1968 e a visão de que aquele movimento das terapias corporais era uma extensão natural daquele movimento cultural: “Há 12 anos seria Woodstock, em toda a década de 60 seriam o protesto político e o não consumismo, mas hoje é o corpo, como determinaram, aliás, os pódios líderes radicais do passado na virada dos anos 70” (Couri, 1981, p.6).

Fica aparente a migração tanto do movimento contracultural dos anos 60 quanto da política tradicional, mesmo que de resistência ao regime vigente, para o "complexo alternativo", incluindo aí as terapias corporais. A matéria continua: “Um dos muitos cartazes pregados pelos participantes, escrito à mão, definia as intenções: ‘Ontem discutíamos se a revolução seria operária ou camponesa. Hoje discutimos o melhor prazer, o melhor orgasmo.’” (Couri, 1981, p.6). Também fica demonstrado aí um impulso na direção da interiorização do conflito político e da individualização de sua solução (Coimbra, 1995). Este fenômeno também encontrava resistência dentro da esquerda marxista tradicional e que havia lutado com armas contra o regime. Surge aí novamente o conflito entre a revolução de costumes e a revolução enxergada pelo viés dos partidos de esquerda da época, inclusive os clandestinos (Soares, 2016).

Logo, em 1982, a mesa equipe organiza os “Ciclos Reich”, ciclos de debates e encontros para “ampliar o debate sobre a obra de Wilhelm Reich e divulgar as práticas que surgiram a partir do pensamento desse autor” (Santos, 2008). Estes ciclos envolviam encontros e debates públicos sobre a obra de Wilhelm Reich, e sua conexão com a sexualidade a partir de um viés mais social, dado que seus organizadores tinham uma aproximação maior com a contracultura da época, sendo assim uma relação menos “higienizada”, focada também na prática social. Realizam, assim, uma consonância maior com a obra de Reich, diferente do que se observou em São Paulo, onde a proposta dos reichianos acabou chegando a uma abordagem muito individualista.

⁴⁷ Ver Anexo I.

⁴⁸ O segundo simpósio teve como tema “Política do corpo” e o terceiro “Expressões de vida - corpo e mente em transformação”

Também neste período são criadas no Rio de Janeiro instituições de formação em “terapia orgonômica”⁴⁹, como o Centro de Investigação Orgonômica Wilhelm Reich (CIO), em 1983, e o Instituto de Orgonomia Ola Raknes, em 1989. (Coimbra, 1995, p. 296). Ao ter características específicas de uma formação que deseja assumir para si o título de “orgonoterapeuta” e definir um modo de atuação, a difusão das terapias corporais no Rio de Janeiro começa a se concentrar em questões específicas, como a clínica, reduzindo a sua frente de atuação, que antes explorava a educação e o debate com a sociedade.

Para Frazão (1995), “A primeira metade dos anos 80 foi um resgate do pensar, em oposição ao mero sentir que caracterizou os anos 1970” (Frazão in Ciornai, p. 18). A liberdade como princípio fundamental cede espaço a uma necessidade de regulamentação e organização das práticas. O desejo de criar um campo profissional, uma estrutura que defina quem pode e quem não pode praticar ou se nomear como “terapeuta corporal” vai surgindo. Favre (1995) define bem essa trajetória, a partir de sua posição e vivência dentro das terapias corporais:

O psicoterapeuta somático, (e não mais o psicoterapeuta corporal) no final dos anos 80 tem um perfil de especialista. **Com a década de 70 morre o ideal alternativo.** Com os anos 80, com a recessão mundial que se anuncia, com a cultura de abundância que se instalou nos centros produtores de teoria e técnica (Europa e EUA), as terapias antes a serviço de uma transformação social via transformação do indivíduo ganham um caráter de tratamento do indivíduo para sua melhora pessoal, seu desenvolvimento pessoal, para o aprofundamento no seu mundo, no seu organismo, na sua história. **Com a transformação do capitalismo, envelheceu a visão reichiana da relação indivíduo-sociedade.** (Favre in Ciornai, p. 49, grifos nossos.)

Semelhante ao acontecido com a psicanálise em sua chegada no Brasil⁵⁰, começa a surgir um modelo institucional que define quem pode tomar para si o título de terapeuta corporal ou, na impossibilidade de se delimitar esse espaço que já havia sido ocupado, engendra-se a criação de outras nomenclaturas, como “psicoterapeuta somático”, “orgonoterapeuta”, “vegetoterapeuta”. Inicia-se uma organização sobre quais serão os modelos e parâmetros utilizados para estas nomenclaturas, e quem tem ou não o direito de usá-las, bem como os limites clínicos de cada prática.

Em 1991, a direção tomada pelas “terapias corporais” já apontava para um fechamento e formatação que havia sido motivo de crítica direcionada à psicanálise e à psicologia por este mesmo movimento nas décadas anteriores. Isso colocava as terapias corporais em um impasse, pois de um lado havia ocorrido uma banalização destas mesmas práticas corporais, enquanto,

⁴⁹ Denominação criada por Wilhelm Reich sobre seu trabalho.

⁵⁰ Como descrito por Jane Russo, em *O Corpo contra a Palavra* (1993)

por outro lado, era sentida a pressão pela normatização e disciplina. Coimbra, em 1995, apontava que:

[...] sente-se ao longe e no ar o “mau cheiro” da normatização, da disciplina e, principalmente, da corrida para o controle de um mercado “corporal” mundial, (...) Ao lado disso - afirmam alguns corporalistas - as técnicas consideradas "alternativas" são utilizadas de qualquer forma, por qualquer um, sofrem um processo de banalização pela mídia e por muitos de seus profissionais, sendo vendidas em qualquer esquina. Este é o dilema com que se defrontam no Brasil algumas terapias “alternativas” - **principalmente as “neo-reichianas”: institucionalização ou autonomia**, ainda que sob um mínimo de seriedade na formação (Coimbra, 1995, p. 300, grifo nosso).

Com este dilema posto, o movimento das terapias corporais começa a se afastar do seu caráter de educação sexual amplo que a tangenciava, a partir das obras de Reich, para se dedicar mais fortemente ao debate da institucionalização ou não de suas práticas no campo da psicologia.

2.2. Análise da relação entre terapias corporais e educação sexual e crítica historiográfica dos registros pesquisados.

A análise dos documentos e relatos aponta para uma expansão das terapias e práticas corporais no período analisado, feita inicialmente de forma desordenada e eventualmente se firmando e institucionalizando buscando uma sobrevivência e penetração maior no universo da psicologia clínica.

Sendo as terapias corporais fundadas no trabalho de Wilhelm Reich, os espaços de discussão criados possibilitaram que fosse realizada uma educação sexual, mesmo que informal e não atrelada diretamente à pedagogia escolar. Essa tendência é observada nos grupos de *Somaterapia*, de Roberto Freire, e na revista *Rádice*, no Rio de Janeiro. Os eventos promovidos por esta última geraram discussões e debates durante um período onde a educação sexual encontrava muitas barreiras para se firmar no País, devido à censura presente na ditadura militar⁵¹. Como observamos a partir da pesquisa sobre a educação sexual e os saberes sexuais no Brasil, a ditadura militar era ambígua sobre a sexualidade e a censura, tendo um duplo padrão ao lidar com ela, como nos demonstra Bedin (2016).

Nesse sentido, várias iniciativas de educação sexual que não eram nomeadas explicitamente como tal, sendo definidas e delimitadas como uma prática alternativa dentro do

⁵¹ Vários autores que escreveram sobre a história da Educação Sexual no Brasil relatam isso, como Ribeiro (2004, 2013) Barroso e Bruschini (1982), Figueiró (1998) e Rosemberg (1985).

universo da psicologia da época permitiu que estas iniciativas de educação sexual informal pudessem se desenvolver. Outro fator que pode ter permitido isso é a distância destas práticas e discussões da agenda oficial e institucional da educação do país na época, encontrando chão fértil para se desenvolver fora do eixo institucional (Santos, 2008). Essa proposta alternativa gerava algum incômodo nos censores da ditadura militar, dado que houve um momento em que o foco da censura esteve mais nos costumes do que na atividade declaradamente política (Soares, 2016).

Mas, mesmo sendo colocado sob suspeição em alguns documentos da censura que citam jornais e revistas alternativas que faziam “apologia ao homossexualismo”, entre quais a revista *Rádice* pode ser vista como um exemplo, dadas as edições que chegam a ter foco direto na sexualidade; a maior parte do modelo alternativo das terapias corporais aqui analisado não foi reprimido com a mesma intensidade de outras manifestações culturais do mesmo estilo alternativo, como é o caso da prisão e exílio de músicos como Caetano Veloso e Gilberto Gil. Talvez o alcance limitado destas publicações alternativas como a *Rádice* e seu público limitado a um segmento específico da população, qual seja, os terapeutas e psicólogos que estavam interessados em abordagens alternativas às práticas psicológicas e psiquiátricas em voga, tenha permitido que a ditadura lançasse seu olhar sobre manifestações dessa cultura alternativa que tivessem um alcance mais amplo na população, como manifestações artísticas direcionadas ao grande público dos artistas supracitados e novelas, por exemplo.

Schprejer (2009), em sua dissertação sobre a revista *Rádice* corrobora essa perspectiva, apontando que as únicas censuras mais contundentes que a revista sofreu foi a proibição de sua circulação em algumas universidades. Sua relativa proteção da censura devido à restrição ao meio universitário e alternativo pode ser extrapolada como relevante para outras publicações e práticas alternativas da terapia corporais, como os simpósios “Alternativas no Espaço Psi” e os “Ciclos Reich”, que não sofreram tanta intervenção direta do governo quanto outros casos citados. A fim de aprofundarmos essa questão e definir um exemplo com materialidade histórica, analisaremos um exemplar do *Jornal Rádice Luta & Prazer*, datado de dezembro de 1981.

2.2.1. Análise de documento de época (*Jornal Rádice Luta & Prazer* de 1981) como exemplo do entrelaçamento entre educação sexual e terapias corporais no período citado.

Para esclarecer os entremeios possíveis entre educação sexual e as terapias corporais no período estudado, vamos explorar em mais detalhes o *Jornal Rádice Luta & Prazer* número 4, de dezembro de 1981.

A revista *Rádice* e seus desenvolvimentos posteriores, como o *Jornal Luta & Prazer*, são um exemplo citado acima da tendência Reichiana de educação sexual com foco no corpo enquanto também atrelada à luta política, nasceu em 1976, fundada por Carlos Ralph, também conhecido como Cê Ralph.

Formado em psicologia pela UFRJ, Ralph havia sido militante pelo grupo Ação Popular⁵² nos anos 1960 e 1970, motivo pelo qual havia sido preso e posteriormente exilado na Argentina após sua soltura.⁵³ Ao retornar ao Brasil, Cê Ralph dá início à revista *Rádice* entre outros projetos, como lecionar na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, emprego do qual posteriormente se desligou para dar plena atenção a seu trabalho de editor da *Rádice*.

Autointitulada “Revista de Psicologia”, a *Rádice* teve em sua origem no ano de 1976, um foco político mais direto, que depois foi se transformando em uma tendência a lidar com temas mais comportamentais e mesmo de educação sexual. A partir de sua edição 8, publicada em 1979, ela começa a ter mais referências a Wilhelm Reich e sexualidade. A edição consiste-se uma foto em azul de um casal nu, como o título “Sexo” embaixo deles. Esta edição e a edição número 12, intitulada “Tá todo mundo separando”, foram motivo de censura e proibição da venda da revista em algumas universidades, como a Faculdade de Educação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), onde o diretor da faculdade, Hanns Lippmann, classificou os materiais como “pornográficos” e “obscenos”. (Santos, 2008).

Após 15 edições, a *Rádice* se desmembra em outras propostas. A equipe da revista já havia realizado outros acontecimentos, tais como a revista *Teoria/debate* em 9 de outubro de 1979, para onde migrou o debate considerado mais “acadêmico” da revista, e os Simpósios “Alternativas no Espaço Psi” citados no capítulo anterior. Estes simpósios foram um marco na difusão das terapias corporais na cidade do Rio de Janeiro, e teve influência em todo o universo brasileiro das terapias corporais, dado que pessoas de outros estados da federação viajaram para participar.

⁵² O grupo Ação Popular foi uma organização política de esquerda, criada em junho de 1962, a partir da ação de militantes estudantis da Juventude Universitária Católica (JUC) e de outras agremiações da Ação Católica Brasileira. Após o Golpe Militar que instituiu a Ditadura Militar em 1964, a organização se afastou de suas bases identificadas com o cristianismo e decidiu seguir a resistência contra o regime militar pela via insurrecional.

⁵³ Schprejer, p. 62.

Uma destas propostas é a criação do *Jornal Rádice Luta e Prazer* em 1981, posteriormente chamado apenas de *Luta e Prazer*. Criado com o objetivo de baratear os custos de produção e expandir o público leitor, o jornal continuou sendo produzido mesmo depois da saída de seu editor principal, Cê Ralph, que deixou seu posto na quinta edição do mesmo.

Escolhemos essa edição em particular por alguns motivos: O fato de a revista estar em um momento posterior, onde a presença das terapias corporais e do complexo alternativo se mostra mais contundente, com menos influência do processo político institucional por si mesmo (mas este permanece presente, como veremos ao analisar a revista). A data da edição escolhida, 1981, é um período onde começa a se ensaiar a abertura democrática e uma redução da censura do regime militar no país, especialmente após a lei da anistia, promulgada em 1979. Nesse momento, já se fala mais abertamente em política e na ditadura militar, bem como sobre a revolução de costumes e as novas configurações da sexualidade que havia estado em curso desde maio de 1968.

Isso fica patente no título da edição, que anuncia “Bissexualismo”. O sufixo “ismo” para orientações sexuais ainda era utilizado em larga escala na época, mesmo sem intenção pejorativa. Devemos lembrar que o Conselho Federal de Psicologia do Brasil só deixa de considerar a homossexualidade um desvio sexual em 1985 e a OMS só foi retirar a definição de homossexualidade como doença em 1990. Dessa forma, a edição fala positivamente de bissexualidade, com o título da matéria dentro do jornal afirmando “Somos todos bissexuais, é claro, e Freud já falava isso”, demonstra o caráter rebelde de subversão e resistência à norma vigente sobre sexualidade, que embora estivesse sendo revista durante a reabertura democrática do país, ainda operava de forma bem repressiva.

Nos chama atenção a primeira página interna da revista, com um artigo de opinião de Eugênio Marer⁵⁴, intitulado, *Por uma Política do Corpo*. Nele, o autor aponta como a chamada “liberdade sexual” pode ser apropriada pela sociedade de consumo, ignorando sua possível potência revolucionária⁵⁵. Um exemplo do que ele coloca:

Os movimentos de contestação dos *beatniks* e *hippies* foram deflagradores de profundos questionamentos em relação à sexualidade "normal" e a muitos outros valores vigentes que estavam entrelaçados à questão — casamento, família patriarcal, consumo desenfreado, trabalho alienante e sem prazer, política tradicional, etc. Na medida que tais movimentos cresceram foram inicialmente combatidos, mas depois

⁵⁴ Eugênio Marer é psicólogo reichiano e foi colaborador da revista *Rádice* e do *Jornal Rádice Luta & Prazer*. Hoje ele atua na área como psicólogo e na área da Bioenergética.

⁵⁵ Ecos de Wilhelm Reich e sua busca por uma revolução ao mesmo tempo política e sexual se mostram presentes em todos os textos da edição de *Luta & Prazer* analisado, mesmo quando não tão explícitas como no texto de Marer.

desvirtuados pelo sistema de comunicação comprometido com o *status quo*, e a seguir assimilados no que eles tinham de vendáveis (estilo de roupas, de cabelo...) retirando o seu aspecto revolucionária O questionamento social que continham em si estes estilos foram “esquecidos”. (Marer, 1981, p.2)

Há aí um questionamento da assimilação que a sociedade de consumo vinha ensaiando sobre a vanguarda da “liberação sexual” do ideário *hippie*. Essa categorização de determinados nichos de mercado e do uso explícito da sexualidade como um produto irá continuar florescendo ao longo da década de 1980, como já vimos em exemplos de programas de TV e Rádio no capítulo 1.2.1. As formatações das terapias corporais em modelos mais fechados, com linhas e requerimentos específicos para se nomear terapeuta corporal⁵⁶, como descrito no capítulo 2, irá seguir nessa mesma direção, preenchendo uma necessidade que se anunciava a partir da expansão das terapias corporais.

Em um trecho mais adiante, ele descreve uma série de exemplos que ele descreve como “Liberdade sexual para ser consumida”:

- Utilização de toda parafernália comprada, com o intuito de aumentar o prazer sexual
- Revistas eróticas que comercializam o corpo de “heróis do cinema e TV” como modelos de objetos sexuais.
- Abertura de “casas de massagem” (algumas com capital estrangeiro) que nada mais são que luxuosas casas de prostituição de homens e mulheres, autorizadas a funcionar.
- Abertura de motéis por todos os lados, para encontro de parceiros, funcionando num sistema de ilegalidade.

Fica visível a percepção “rousseauniana” presente no autor em relação à sexualidade, separando assim uma liberdade sexual “correta” e uma “incorreta”, esta última realizada quando colocada dentro de uma sociedade de consumo.

Nesse sentido, o autor coloca que uma “Verdadeira política do corpo pressupõe: Condições mínimas de sobrevivência para todos” (1981, p. 2), e segue descrevendo propostas alicerçadas tanto na justiça social quanto numa “liberdade sexual” que seria natural, e não produzida dentro da sociedade de consumo. Ele afirma isso quando coloca:

⁵⁶ Ou *orgonoterapeuta*, ou *terapeuta reichiano* ou *neo-reichiano*, entre os vários tipos de nomenclaturas que surgiram nos anos 1980 para designar modelos terapêuticos advindos de Reich. (Russo, 1993)

O **verdadeiro** prazer sexual não precisa de uma parafernália de estímulos, adquirida no mercado. Você não precisa “ter” o outro, mas se entregar na relação. É sentir o prazer a partir de você, e não através da dominação do outro. (Marer, 1981, p.2, grifo nosso).

Percebemos aqui a presença novamente desta ideia do “verdadeiro” prazer sexual. O sexo que fala de si e define o sujeito, como diz Foucault. Uma sexualidade verdadeira em oposição a uma falsa sexualidade, que seria a sexualidade ligada ao mercado. Vemos aqui este tema presente mais uma vez, como marca desta perspectiva ancorada nos valores da contracultura, e por que não, uma perspectiva ancorada em Reich?

Nessa direção, os textos do jornal seguem tratando de assuntos variados, colocando por vezes questões cotidianas na mesma página, como a p. 5, onde encontramos uma matéria sobre Jogo do Bicho ao lado de uma matéria sobre o congresso da UNE. Mas as matérias gravitam mais para questões comportamentais e relacionais, como a bissexualidade, onde temos um texto do Cê Ralph falando da sexualidade com referências a Freud, e entrevistas com pessoas trans de Salvador sobre suas condições de vida.

A revista frequentemente tem esse cruzamento para a questão social e da libertação individual de tabus sexuais relacionada a ela. A transformação social parece ser dependente, ou pelo menos relacionada à transformação individual, que passava pelo corpo.

2.2.2. Análise crítica dos escritos sobre as terapias corporais.

Já nos textos analisados sobre a história das terapias corporais no Brasil, como a retrospectiva *Gestalt-Terapia, Psicodrama e Terapias Neo-Reichianas no Brasil - 25 Anos depois* (1995), e os livros *O corpo contra a Palavra* (1993) e *Guardiões da Ordem* (1993), foram observadas citações e referências à educação sexual como disciplina ou assunto específico a ser lido. Mas, como o início deste movimento das terapias corporais também surge como uma alternativa à clínica psicoterápica e psicanalítica praticada na época⁵⁷, a educação sexual surge nesse campo *psi* como tema acessório, como parte do processo de “reeducação e libertação” do corpo e da sexualidade.

A sexualidade surge como base fundamental desse paradigma, a partir do trabalho de Reich e sua “Orgonoterapia”. A sexualidade é tida como uma parte do ser humano que havia sido ignorada pela *status quo*, sendo assim necessário retorná-la ao seu estado “natural” para livrar os pacientes das neuroses. (Russo, 1993).

⁵⁷ Para mais detalhes sobre essa dinâmica, ver Coimbra (1995) e Russo (1993).

As inferências que fazemos sobre esse assunto é que o conceito de “terapia corporal”, surgido na área da psicologia junto ao Movimento do Potencial Humano no fim dos anos 60 (Coimbra, 1995), chega ao Brasil como uma proposta libertadora e uma reação possível à censura da ditadura militar quanto à educação sexual formal, dado que estas terapias corporais eram divulgadas no circuito “alternativo”, que fazia parte da contracultura da época. Talvez essa tenha sido uma saída encontrada para se realizar uma educação sexual informal na forma de uma educação do corpo, e assim driblar a censura instituída.

Tanto as terapias corporais quanto a sexologia clínica dos anos 60 parecem ter passado por movimentos iniciais semelhantes: Profissionais da área médica entram em contato com alguma bibliografia direcionada à sexualidade na clínica e, a partir desse contato, criam grupos de estudo e/ou aplicam esses conceitos e procedimentos em sua prática profissional. Isso se deu tanto com José Ângelo Gaiarsa e seu contato com Wilhelm Reich quanto com o “Clube da Placenta” e Ricardo Cavalcanti, com seu contato com a Terapia Sexual de Masters & Johnson. A origem desses profissionais se dar na medicina (e na psiquiatria, que coloca alguns deles em contato com as teorias da psicologia) reforça a noção de que o discurso da sexualidade, com suas permissões e proibições, é fortemente influenciado pela medicina, mesmo que a direção que estes atores históricos tomem seja de contestação do modelo de normalidade e higienização da mesma, como foi o caso de José Ângelo Gaiarsa.

Ao se expandir e consolidar, as terapias corporais começam a ser organizadas por meio de mecanismos institucionais, buscando uma formatação e estrutura que não tinham antes. Ao fazer isso, elas se distanciam um pouco de sua origem “anarquista e libertária” e começam a competir com outras categorias terapêuticas no mercado da psicologia. Por outro lado, as formações estruturadas permitem uma solidez maior aos profissionais que desejam trilhar esses caminhos, criando uma possibilidade de interface com outras áreas acadêmicas, e mesmo com a educação sexual formal, que segundo alguns autores como Ribeiro (2009) e Rosenberg (1982), voltou a fazer parte de projetos realizados em escolas no fim da década de 70 e início da década de 80, com a “distensão lenta, gradual e segura” voltava a tomar forma durante reabertura democrática do Brasil.

Nesse momento, a educação sexual formal começa a retornar aos espaços institucionais com menos resistência, especialmente na área médica. A criação de espaços como o Núcleo de Sexologia, na Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Rio de Janeiro (Sgorj), e a Comissão Nacional Especializada em Sexologia, na Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) apontam para um maior interesse sobre a sexualidade a partir da medicina. Esse momento pós ditadura militar parece apontar para uma necessidade de se

estabelecer regras de atuação mais definidas das profissões da saúde em relação à sexualidade. Se no momento anterior dos anos 1960 até meados dos anos 1970 tínhamos pessoas investigando e desenvolvendo uma educação sexual de forma marginal, fosse com as terapias corporais baseadas em Reich, fosse com grupos de estudo de médicos que experimentavam as recentes práticas de terapia sexual de Masters e Johnson, agora estamos consolidando práticas e estruturas para dar conta da demanda crescente por uma nova forma de se lidar com a sexualidade.

2.2.3 Crítica Historiográfica dos registros sobre terapias corporais: O que as autoras têm em comum?

Ao fazermos uma análise historiográfica dos registros pesquisados, percebemos alguns elementos em comum que surgem nos autores que escrevem sobre a história das terapias corporais. É frequente uma menção crítica ao “lugar” da psicanálise, bem como o da psicologia e o da psiquiatria. Há uma percepção de que essas práticas são insuficientes para lidar com as transformações terapêuticas buscadas pelos sujeitos (Russo, 1993. Favre *in* Ciornai, 1995). Também se critica o que é enxergado como uma “excessiva interiorização” da psicanálise e da psicologia, que supostamente abandonaria a arena pública como espaço de resolução de conflitos e transformação para privilegiar um espaço privado e individualizado.

Fortalecia-se o voltar-se para dentro de si, de sua família: o importante era o autoconhecimento e, como efeito disso, a ênfase dada ao privado, ao intimismo e à desqualificação de tudo que fosse público ou político, principalmente político. Para os jovens da classe média, já que não era possível mudar o mundo, que se mudasse individualmente. (Coimbra *in* Ciornai, 1995, p.57)

A crítica a este modelo individualista não se limita aos modelos clássicos, como a psicanálise, mas também é aplicada às terapias alternativas que se institucionalizaram, especialmente a terapia corporal, tida com a mais anárquica e libertária entre as alternativas, pecha que lhe coube provavelmente pela influência de Reich e seu foco direcionado à sexualidade e ao orgasmo. Ao analisar os registros pesquisados, saltou aos nossos olhos que, no livro *Gestalt-Terapia, Psicodrama e Terapias Reichianas no Brasil - 25 anos depois*, o capítulo sobre terapias neo-reichianas é o único sem notas de rodapé com referências bibliográficas, fora a introdução e as considerações finais. Isso talvez aponte para como essa linha “corporalista” do “complexo alternativo” tem pouco apreço a uma estrutura linear, e por que não dizer acadêmica, privilegiando a espontaneidade e o caráter informal de suas propostas.

Nesse sentido informal, parece haver nestes autores uma crença subjacente de que o problema a ser enfrentado é a repressão social que é exercida sobre os sujeitos, e que quando esta for eliminada por meio do trabalho terapêutico, estes mesmos sujeitos irão espontaneamente se relacionar e construir o mundo de uma forma mais justa e equânime. Embora essa visão de mundo seja percebida como uma ideologia por alguns destes mesmos autores (Cecília Coimbra (1995, pp.287) cita Robert Castel ao chamar isso de “rousseauismo sonhador”), nenhum deles faz uma crítica mais aprofundada desse pensamento. Este ideário se mostra presente nas autoras pesquisadas, com particular atenção à defesa de Russo (1993) do ideário anárquico e libertador das terapias corporais, em uma luta antissistema, sistema esse representado não apenas pela medicina e psicologia tradicionais, mas também pela psicanálise, que era vista como hermética e excludente.

Parece haver uma necessidade de descobrir a “verdade do sujeito”, que está reprimida sob o condicionamento social e suas regras. Regina Favre (1995, p.44) descreve o momento histórico das terapias neo-reichianas da seguinte forma: “Nesse momento, a ordem era mudar, era fazer contatos **verdadeiros** a partir de suas **verdadeiras** emoções e sentimentos, era contatar o corpo, buscar em seu corpo a *raiz verdadeira*, era ir fundo nas fontes corporais das resistências” (grifo nosso).

Nota-se aí uma busca de desvelar a “verdade” do sujeito semelhante ao mecanismo que Foucault (1999) descreve quando diz que a psicanálise, assim como a confissão religiosa, procura descortinar a “verdade” do desejo do sujeito ao impeli-lo a falar dele. O fato das terapias corporais, ou neo-reichianas, buscarem fazê-lo por meio das expressões corporais ao invés da palavra falada como na psicanálise, não muda o mecanismo básico desta operação do dispositivo da sexualidade, que é a irrupção fugidia do desejo ao tentar constantemente desvendá-lo, operando aí em um mecanismo de prazer e poder que se retroalimenta. Nessa relação com a “verdade”, também devemos mencionar que a relação das terapias corporais com psicanálise é um assunto mais amplo, que merece um estudo detalhado por si só.

Mesmo assim, o modelo não verbal e anárquico das terapias corporais engendrou um novo movimento de liberdade, que embora não tenha escapado completamente de suas raízes idealistas e sonhadoras que por vezes ignorava as relações de poder nestas novas configurações terapêuticas, produziu transformações no universo da psicologia e da saúde que influenciam práticas terapêuticas até os dias de hoje, como veremos a seguir.

2.3 Possibilidades para uma educação sexual do corpo no Século XXI: O I CONISS - Congresso Internacional de Sexologia Somática

Como produto final dessa pesquisa, buscamos realizar um trabalho de educação sexual que levasse em consideração o corpo e a experiência corporificada, seguindo as pistas das terapias corporais que foram desenvolvidas no Brasil no período estudado.

A influência de Wilhelm Reich no universo das terapias corporais é extensa. Ao colocar o corpo como espaço central da intervenção clínica na psique, sua teoria realizou uma mudança importante na ação do terapeuta. O corpo é o foco da terapia, com suas sensações e reações de prazer. Essa proposta plantou sementes que vieram a florescer na forma das várias terapias corporais ao redor do mundo, inclusive no Brasil.

Uma destas sementes que germinou e gerou frutos é a Educação Sexual Somática (*Sexological Bodywork*, no original em inglês.⁵⁸), modalidade de educação sexual criada por Joseph Kramer⁵⁹ que tem se espalhado pelo mundo. Ela foi gerada a partir de experiências práticas de toque corporal, massagem e respiração consciente, sendo influenciada por várias modalidades de terapias corporais que estavam presentes nos anos 1980 na Califórnia (Kramer, 2002). A maioria delas, como a Bioenergética, tem uma linha direta de ligação com a teoria de Reich e seu foco no corpo. No website onde os treinamentos ao redor do mundo são divulgados⁶⁰, uma citação de Reich está em destaque: “os que estão psiquicamente enfermos precisam de uma só coisa — completa e repetida satisfação genital.”(1972, p.52).

No Brasil, o Instituto Latino Americano de Sexologia Somática - ILASS, fundado em 2015, é o responsável pela difusão da Educação Sexual Somática, da forma idealizada por Joseph Kramer. Seus diretores, Paula Fernanda Andreatza e Yuri Kotke Cunha, vêm de trajetórias diferentes, mas têm, como ponto de encontro, a idéia de trabalhar a sexualidade a partir do corpo.

⁵⁸ Nesta dissertação utilizaremos os termos *Sexological Bodywork* e Educação Sexual Somática como sinônimos.

⁵⁹ Joseph Kramer (1947) é um educador e o criador da modalidade educacional hoje conhecida como *Sexological Bodywork*, termo traduzido para o português como Educação Sexual Somática. Em 1982 ele criou a estrutura que chamou de Massagem Erótica Taoísta, como uma forma de homens gays e bissexuais experimentarem contato íntimo de forma segura durante o período da epidemia de HIV. Em 1986 ele funda a *Body Electric School* em Oakland, Califórnia, para oferecer treinamentos nessa estrutura de massagem erótica e trabalho corporal. (Kramer, 2002) Após décadas de trabalho prático e um doutorado onde ele estudou a história social da difusão dessa estrutura, seu trabalho amadurece ao fundar o treinamento profissional em *Sexological Bodywork*, em 2003. Várias escolas ao redor do mundo ensinam essa modalidade de trabalho corporal desde então, supervisionadas diretamente por ele. No Brasil, o ILASS, Instituto Latino Americano de Sexologia Somática, é responsável por treinar e organizar este gênero de trabalho corporal, chamada aqui de Educação Sexual Somática.

⁶⁰ www.sexologicalbodywork.org

Paula Fernanda Andrezza é educadora sexual formada como *Sexological Bodyworker* em Praga, República Checa, em 2012. Desde 1989, quando participou da organização do Movimento Naturista⁶¹ no Brasil⁶², tem trabalhado com o corpo e sua expressão natural⁶³. Ao longo da vida, estudou várias terapias presentes no “complexo alternativo” citado no capítulo 1, tais como Ayurvêda, Yoga e Tantra⁶⁴. Após a sua formação profissional em Educação Sexual Somática, diretamente com Joseph Kramer, sua prática se transformou e ganhou consistência, adquirindo novas definições para conceitos como sexualidade e prazer⁶⁵.

Yuri Kotke Cunha, licenciado em teatro pela UFRN, pesquisava o assunto do corpo e da sexualidade nas representações da arte contemporânea. Seu trabalho de conclusão de curso foi intitulado: *Obsceno como crítica da cena: Uma prática (do prazer) em performance* (2011). Em 2011 faz o curso de formação em *Sexological Bodywork* com Joseph Kramer no Canadá. Após alguns anos se aprofundando na temática da sexualidade no Brasil, sente falta de uma abordagem corporificada para a mesma⁶⁶. Inicia uma Especialização em Terapia Sexual na Saúde e Educação⁶⁷ no ano de 2014, concluindo a mesma em 2016, com o trabalho *Terapia Corporal como Complemento Holístico aos Métodos e Tratamentos tradicionais na Abordagem das Questões Relacionadas à Sexualidade* (2016). Em 2015, junto à Paula Fernanda, funda o ILASS - Instituto Latino Americano de Sexologia Somática, com a intenção de trazer para o Brasil o conhecimento que transformou sua maneira de enxergar a sexualidade.⁶⁸

⁶¹ O naturismo é uma prática que preconiza a adoção de um modo de vida mais próximo da “natureza”, e entre suas práticas está o nudismo. Embora os dois termos sejam utilizados de forma intercambiável, o naturismo envolve um leque mais amplo do que apenas o nudismo em suas atividades. (Choi, 2002)

⁶² No Brasil, temos entidades que avançam a causa naturista, como a Federação Brasileira de Naturismo - FBRN. Mais detalhes sobre esse movimento podem ser encontradas no artigo *Infância, educação e nudez no movimento naturista na década de 1950 no Brasil*, de Carlos Herold Junior (2017); neste artigo encontramos várias referências a autores de Educação Sexual já citados nesta dissertação, como Álvaro Negromonte. Isso indica como os discursos do corpo, da nudez e da educação sexual se relacionam entre si com alguma frequência.

⁶³ <https://paulafernanda.com.br/paula-fernanda/>

⁶⁴ “O Tantra foi uma tradição e movimento espiritual indiano, articulado com escrituras nomeadas tantras, que influenciou a maior parte das religiões asiáticas com origem no Shaivismo” (Souza, 2018). Dentro desta tradição se encontram práticas de uma medicina integral, nomeada com Ayurvêda, e o Yoga, mais especificamente o Hatha Yoga, e a meditação como práticas contemplativas de auto-desenvolvimento. Este Tantra frequentemente é confundido com o neo-tantra, iniciado em 1905 nos EUA e cujo foco é mais concentrado em práticas sexuais (Wallis, 2012).

⁶⁵ Comunicação de e-mail marketing encontrada em <https://mailchi.mp/paulafernanda.com.br/voc-sabe-qual-a-definio-de-prazer-1922173>

⁶⁶ <http://educacaosexualsomatica.com.br/quem-sou-eu/>

⁶⁷ <https://www.cefatef.com.br/posgraduacao-terapia-sexual-na-saude-e-educacao/>

⁶⁸ <https://ilass.com.br/o-instituto/>, <https://ilass.com.br/quem-somos/>

Após dois anos de preparação e contato direto com Joseph Kramer, o ILASS traz para a América Latina o treinamento profissional em Sexological Bodywork. São realizados 3 treinamentos nos anos consecutivos de 2017, 2018 e 2019.⁶⁹

Em 2020, com a pandemia de COVID-19⁷⁰, o trabalho corporal que várias terapias alternativas realizavam tornou-se impraticável devido ao risco de contágio⁷¹. Procurando uma forma de manter o trabalho de educação sexual com foco no corpo, o ILASS decidiu desenvolver uma modalidade completamente online para sua educação corporal em tempos de COVID: Um congresso online onde as pessoas pudessem aprender mais sobre sexualidade e seus corpos de forma segura, e talvez até encontrar formas de melhor regular suas emoções nesse período complexo a partir de técnicas corporais que fossem ensinadas no congresso.

A pesquisa desenvolvida durante a produção desta dissertação de mestrado possibilitou que a curadoria do conteúdo a ser exibido no congresso fosse feita de forma crítica, ligando a educação sexual somática à rica história das terapias corporais. Um senso de historicidade da realização do evento tomou forma. O que estava sendo produzido era influenciado por um tempo histórico e pelas necessidades emergentes do espaço em que ele estava sendo feito.

O fato do congresso ser realizado inteiramente online possibilitou que profissionais e professores de todo o mundo que não pudessem se deslocar durante a pandemia de COVID, tais como o próprio fundador do *Sexological Bodywork*, Joseph Kramer, alcançassem um público muito mais amplo. Como as palestras foram gravadas previamente à exibição, foi possível fazer a tradução e legendagem das palestras que estavam em outras línguas, como inglês ou espanhol. Com isso, materiais que nunca haviam sido traduzidos para português puderam pela primeira vez ser disponibilizados para brasileiros.

É possível questionar se um congresso online, mediado por aparelhos eletrônicos em um momento de isolamento social⁷², é eficaz para estimular as pessoas a aprender a sentir mais seus próprios corpos. Isso foi solucionado pelos próprios palestrantes com sugestões durante

⁶⁹ Alguns registros destes treinamentos podem ser encontrados aqui: <https://ilass.com.br/fotos-e-videos-2017/>, <https://ilass.com.br/fotos-e-videos-2018/>, <https://ilass.com.br/estrutura-e-certificacao/>

⁷⁰ A pandemia de COVID-19 é um evento ainda em curso à medida que esta dissertação é escrita. Ela é um evento global causado pelo vírus SARS-CoV-2, de alto contágio e capaz de causar Síndrome Respiratória Aguda Grave, quadro clínico que pode levar à morte. Este evento tem alterado significativamente o estado do mundo em relação a vários assuntos, de direito civil a desigualdades socioeconômicas. <https://www.paho.org/pt/covid19>

⁷¹ Araújo, Tânia Maria de e Lua, Iracema, *O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19*. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional [online]. 2021, v. 46 [Acessado 25 Julho 2021], e27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>>. Epub 03 Maio 2021. ISSN 2317-6369. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>.

⁷² Gusso, Hélder Lima et al. *Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária*. Educação & Sociedade [online]. 2020, v. 41 [Acessado 25 Julho 2021], e238957. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ES.238957>>. Epub 25 Set 2020. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/ES.238957>.

suas palestras; Joseph Kramer, por exemplo, realizou sua palestra em pé, e convidou quem estivesse assistindo a ficar de pé e movimentar o próprio corpo durante a apresentação. As palestras disponibilizadas versam sobre variados temas, desde o efeito de cicatrizes pós-parto na vida sexual das mulheres⁷³ até a influência do gênero em como as pessoas sentem o prazer em seus corpos⁷⁴.

Entre os profissionais e professores que palestraram neste congresso estão: Joseph Kramer, PhD. e criador do *Sexological Bodywork*; Ellen Heed, PhD. especialista em tecido cicatricial; Paula Fernanda Andreazza e Yuri Kotke Cunha, os diretores do ILASS, explicando a profissão de *Sexological Bodywork* aplicada ao contexto brasileiro, e muitas outras referências nacionais e internacionais.⁷⁵

Ao disponibilizar este material para o acesso público⁷⁶ esperamos que mais pessoas tenham acesso às ferramentas da Educação Sexual Somática, melhorando a relação de todos com os seus corpos e prazeres.

⁷³ Palestra *Do tecido cicatricial ao prazer: A sabedoria do corpo*. Apresentada por Ellen Heed, PhD. diretamente de Los Angeles, Califórnia.

⁷⁴ Palestra *Diversidade de gênero e seu corpo: Realidades do Prazer*. Apresentada por Pavini Coakwell-Moray, PhD. a partir de Oakland, Califórnia.

⁷⁵ A lista completa de participantes e suas palestras pode ser encontrada no Anexo III.

⁷⁶ Esse material pode ser encontrado atualmente em <https://eventos.congresso.me/coniss>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa tivemos algumas surpresas e descobertas. Encontramos detalhes sobre a documentação e bibliografia a respeito das terapias corporais que não imaginávamos. As fontes pesquisadas demonstram que o início da história dos saberes sexuais no Brasil está profundamente ligado à medicina e à psiquiatria, esta última desdobrada na área da psicologia. Desta forma, alguns autores e personagens históricos, a exemplo de Antônio Austregésilo, são encontrados tanto em descrições da história das terapias corporais como a feita por Jane Russo (1993), quanto em pesquisas acadêmicas sobre a educação sexual no Brasil, como as realizadas por Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2004) e Regina Bedin (2016). Isso demonstra que a história entre as terapias corporais e os saberes sexuais tem conexões e semelhanças mais profundas do que poderiam parecer à primeira vista.

Ao destrinchar as nossas suposições anteriores, algumas delas embasadas no senso comum, à luz do referencial teórico utilizado, especialmente *A História da Sexualidade* (1999) de Michel Foucault, percebemos como muitos dos conceitos utilizados hoje na terapia sexual, na educação sexual e nas terapias corporais, ainda permanecem atrelados a noções e conceitos que carecem de um exame mais aprofundado para se compreender a sua historicidade e suas origens, assim como para enxergar em que poderes estão fundamentados estes saberes.

Ao perceber, como diz Foucault (1999), que o corpo é o *locus* por meio do qual o dispositivo da sexualidade atua, compreendemos que as terapias corporais e a educação sexual têm possibilidades de entrecruzamento de suas práticas e saberes. Nessa direção, fomos buscar origens históricas destas duas disciplinas e como seu saber foi organizado ao longo da história.

Fizemos um passeio pela história da educação sexual no Brasil, que se inicia durante sua colonização e remonta à Igreja Católica e seus mecanismos de controle por meio da Inquisição. Vimos como esse modelo articula o controle dos corpos por meio da definição de quais são os atos sexuais lícitos e quais são ilícitos a fim de delimitar, desse modo, os atos sexuais considerados como “pecados da carne”.

Esta abordagem é reorganizada pelo sistema médico que emerge no séc. XIX, que estabelece uma nosologia específica da sexualidade e a atrela ao sujeito que a vivencia. A partir daí, as práticas sexuais passaram a ser um assunto da medicina e saúde, e por conseguinte, um assunto sanitário e de controle populacional, sempre de acordo com os ditames de uma moral conservadora, agora apoiada pelo *establishment* científico.

Mesmo que sejam ensaiadas algumas propostas de educação sexual com base neste higienismo durante a primeira metade do Séc. XX, essas iniciativas logo são silenciadas durante

a ditadura civil-militar que se iniciou em 1964 no Brasil. Vindo de uma proposta moral ainda mais conservadora, a ditadura militar reprimiu duramente qualquer tentativa ou proposta de educação sexual que fosse tentada, tal como o projeto da deputada Júlia Steinbruck, que demandava educação sexual nas escolas e duramente criticado pelo Ministério da Educação da época.

Durante a ditadura militar, de 1964 a 1985, dois fenômenos paralelos ocorreram: O início da difusão da terapia sexual clínica feita por médicos e profissionais de saúde que haviam conhecido esta técnica, e a chegada das “terapias corporais” advindos do movimento contracultural de Maio de 1968. A primeira seguiu o modelo clássico da medicina e da farmacologização da sexualidade, apontando sempre mais para causas orgânicas e biológicas para o fenômeno da sexualidade, embora houvesse vozes dissonantes em seu meio. Já a segunda operou a partir do modelo contracultural e anárquico que desabrochou na década de 1960 e veio a se contrapor a esta medicalização da vida, que era vista como aliada ao regime opressivo da ditadura. Grande parte da sua fundação se alicerçou em Wilhelm Reich, psicanalista discípulo de Sigmund Freud que propôs uma teoria sobre a mente humana com base no corpo e no prazer sexual.

A ideologia conservadora que deu suporte à ditadura militar presumia uma gestão de corpos e comportamentos específicos, atrelados a pressupostos idealizados de gênero: Homens com manifestações viris e enérgicas e mulheres gentis e submissas. Dissonâncias a esse padrão eram reprimidas, fosse de forma ostensiva ou velada, por meio do contrato social tácito estabelecido na época. A homossexualidade e outras manifestações sexuais e corporais que diferiam do padrão eram discriminadas. Apesar disso, o regime militar construía um duplo padrão ao se falar de sexualidade, pois ao largo do modelo oficial eram realizadas várias práticas clandestinas, mesmo no interior do próprio governo, como o exemplo da atriz de filmes eróticos Sylvia Krystel, homenageada em uma sessão solene no Senado, mesmo com a censura ao seu filme mais famoso, *Emanuelle* (1974).

Ao mesmo tempo, a resistência ao opressivo regime militar surgia de diferentes meios, tanto na luta armada que se contrapôs a ele quanto na revolução dos costumes que irrompeu como reflexo da Primavera de 1968, em Paris. A contracultura *hippie* presente nesta última chega ao Brasil nas décadas de 1970 e 1980 com um ideal libertário e antiautoritário, influenciando jovens da classe média que buscavam uma alternativa para os papéis sociais a que estavam submetidos.

As terapias corporais chegam ao Brasil neste “pacote” contracultural e negam valores e ideais considerados opressivos. Eclodiram principalmente no universo *psi*, entre psicólogos e

psiquiatras e este universo “alternativo” de práticas e procedimentos terapêuticos insurgiu-se também contra as ciências clínicas da época, como a medicina e mesmo aos métodos usados então pela psicologia e por alguns ramos da psicanálise. Passam a propor novas alternativas terapêuticas para lidar com os conflitos psíquicos, como a Gestalt, Psicodrama e as terapias Neo-Reichianas.

Com grande influência de Reich, as terapias corporais brasileiras encontram um terreno em que podem crescer durante a década de 1970. Vários psicólogos, psiquiatras e psicanalistas utilizaram as teorias deste autor para transformar sua prática clínica, a exemplo de José Ângelo Gaiarsa, e mesmo criaram sua própria metodologia, como a Somaterapia de Roberto Freire.

A difusão das terapias corporais em São Paulo e no Rio de Janeiro pôde ser melhor investigada graças à sua efetiva presença nessa região e aos registros históricos dos eventos e iniciativas realizadas, como os Simpósios Alternativas no Espaço Psi e os Ciclos Reich, e à revista *Rádice*. Esta última foi um marco importante na presença das terapias corporais no Brasil, gerando várias outros projetos relacionados à uma visão libertária do mundo, da qual fazia parte os escritos de Reich. Entre estes projetos estão os já citados Simpósios e Ciclos, a revista *Teoria/Prática* e o *Jornal Rádice Luta & Prazer*, mais tarde chamado apenas de *Luta & Prazer*.

Utilizamos a quarta edição do referido jornal, a de 1981, como um registro histórico para observarmos a presença do discurso sexualmente libertário propalado por Reich em suas terapias corporais. No documento referido, encontramos várias menções a uma liberdade sexual e a uma reação ao que era definido como “consumismo sexual”. Esta atmosfera livre e descontraída, mas combativa, esteve presente em todos os textos da referida edição.

Após a chegada e difusão das terapias corporais nos anos 1970 foi criando-se uma necessidade de formação e legitimação destas práticas terapêuticas, e o desejo inicial de se contrapor ao modelo estabelecido de tratamento psíquico se transformou em um objetivo de encontrar um local no mercado de trabalho para esta oferta. Cursos de formação e associações profissionais passaram a almejar o monopólio do rótulo de “Discípulo de Reich” e único autorizado ou com competência para difundir estas técnicas. Esse desejo de estrutura aconteceu na passagem dos anos 1980 para os anos 1990, como observado nos livros *Guardiães da Ordem* (1995), *Gestalt-Terapia, Psicodrama e Terapias Neo-Reichianas no Brasil - 25 anos depois* (1995) e *O Corpo Contra a Palavra* (1993).

Ao observarmos este material da sexualidade sob o prisma histórico, vemos que havia uma base “rousseauiana” no ideário da cultura alternativa e, por conseguinte, das terapias

corporais. Uma crença na liberdade e bondade intrínseca do ser humano, tornado violento devido à repressão social e sexual ao qual estava submetido.

Quando surgiu o movimento para uma institucionalização maior das terapias corporais, as opiniões dos autores estudados se dividiram. Algumas autoras, como Favre, veem isso como um movimento natural e importante de amadurecimento e consolidação destas práticas. Já outras, como Coimbra, consideraram este um problema semelhante ao da institucionalização da Psicanálise no início do Séc. XX, momento em que a tutela da prática sob uma única instituição, a IPA, no caso, promoveu abusos de poder e impediu dissidências e pensamentos divergentes.

Em dias atuais, ao olharmos para estas autoras nos perguntamos: Qual o futuro do corpo na educação sexual? O texto *Do psíquico ao somático: notas sobre a reconfiguração do self contemporâneo*, de Jane Russo, publicado em 2017, nos aponta alguns caminhos. A autora sugere a vitalização de Reich para suplantar uma abordagem puramente “fiscalista” do corpo. Ao vislumbrar que conceitos não puramente quantificáveis, mas abstratos como bem-estar, felicidade e satisfação, estão fazendo parte da metodologia adotada em recentes pesquisas sobre neurologia e meditação, ela estende esse modelo como um futuro possível da ciência da saúde psíquica e do sujeito humano. E nesse momento nos perguntamos, por que também não no futuro de uma educação sexual?

Encerramos essa trajetória histórica e conceitual pelas terapias corporais e pela educação sexual no Brasil propondo que sim, que vislumbramos um futuro no qual a educação sexual tenha como foco central o corpo e que possa lidar melhor com esta “tensão inarredável” entre racionalismo iluminista e romantismo vitalista, mencionado por Duarte (2017), ainda presente no dispositivo da sexualidade que experimentamos hoje, embora de outras formas.

Com o olhar dirigido para o futuro, realizamos em 2020 o I CONISS - Congresso Internacional de Sexologia Somática. Contando com profissionais e professores nacionais e internacionais, o evento contou com mais de 500 pessoas assistindo as 16 palestras sobre o corpo e a sexualidade e gostamos de enxergá-lo como uma contribuição que pode ajudar a criar um novo início para as terapias corporais e a educação sexual no Brasil

Uma educação sexual com atenção especial ao corpo e à presença do corpo. Essa é a proposta possível a partir das conclusões que chegamos nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

- Albertini, P. (2011). Wilhelm Reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. *Boletim de Psicologia*, 61(135), 159-176. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Andreazza, P. F. (2018, novembro, 26). *Você sabe qual é a definição de prazer?* [e-mail]. Recuperado de: <https://mailchi.mp/paulafernanda.com.br/voc-sabe-qual-a-definio-de-prazer-1922173>
- Andreazza, P. F. (2020, abril, 2). *Sobre Paula Fernanda*. Recuperado de: <https://paulafernanda.com.br/site/paula-fernanda/>
- Araújo, T. M. de & Lua, I. (2021) O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional* 46, e27. Recuperado de: <<https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>. ISSN 2317-6369. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>.
- Aries, P., & Béjin, A. (1985). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.
- Barroso, C., & Bruschini, C. (1982). Educação sexual: debate aberto. *Educação sexual: debate aberto*, 131.
- Bedin, R. C.; Muzetti; R., P. R. M. (2012) Sexo, sociedade e educação sexual no Brasil a partir de um estudo bibliográfico. In: Martin, S. A. F.; Guibu, G. Y. (Orgs.) *Educação em Saúde: formação para atenção às vulnerabilidades de crianças, adolescentes e jovens em espaços educacionais*. Presidente Prudente: Prefeitura Municipal.
- Bedin, R. C. (2010). *A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Bedin, R. C. (2016). *A história do núcleo de estudos da sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na UNESP* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Chang, F. (2011). O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Revista Aedos, Revista do Corpo discente do PPG - História da UFRGS*.
- Choin, M. (2002). *World Handbook Naturisme 2002 - 2003*. International Naturist Federation. ISBN 978-90-5583-833-2.
- Ciornai, S. (Org.) (1995). *Gestalt-terapia, psicodrama e terapias neo-reichianas no Brasil: 25 anos depois*. São Paulo: Ágora.
- Coimbra, C. (1995). *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no brasil do milagre*. Oficina do Autor.

- Corbin, A., Courtine, J., & Vigarello, G. (2012). *História do corpo 1. Da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes.
- Corbin, A., Courtine, J., & Vigarello, G. (2012). *História do corpo 2. Da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis: Vozes.
- Corbin, A., Courtine, J., & Vigarello, G. (2012). *História do corpo 3. As Mutações do Olhar. O Século XX*. Petrópolis: Vozes.
- Couri, N. (1981, abril, 23). Política do Corpo. *Jornal do Brasil, Caderno B*, p.6.
- Cunha, Y. K. (2011) *Obsceno como crítica de cena: uma prática (do prazer) em performance* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
- Cunha, Y. K. (2016). *Terapia corporal como complemento holístico aos métodos e tratamentos tradicionais na abordagem das questões relacionadas à sexualidade*. (Trabalho de Conclusão de Curso) Centro de Formação e Estudos Terapêuticos da Família, São Paulo, SP, Brasil.
- Cunha, Y. K. (2020, abril, 2). *Quem sou eu*. Recuperado de: <https://www.educacaosexualsomatica.com.br/quemsoueu>
- Da Mata, J. (2020). *somaterapia / soma / terapia corporal anarquista / roberto freire / joão da mata*. Somaterapia.com.br. Recuperado de <http://www.somaterapia.com.br/>.
- Del Priore, M. (2011) *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta.
- Duarte, L. F. D. (2013) Antropología y psicoanálisis: retos de las ciencias románticas en el siglo XXI. *Culturas Psi*, v.2, 45-63..
- Figueiró, M. N. D. (1995) *Educação sexual no Brasil: estado da arte de 1980 – 1993*. (Dissertação de Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Folha informativa sobre COVID-19* (2021, abril, 2). Recuperado de: <https://www.paho.org/pt/covid19>.
- Ford, D., & Urban, H. (1998). *Contemporary models of psychotherapy*. J. Wiley.
- Foucault, M. (1979) *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal
- Foucault, M. (1999). *Historia da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal
- Foucault, M. (1999). *Historia da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal
- Freire, Roberto. (1988) *Soma: uma terapia anarquista. Vol. 1: A alma é o corpo*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Gaiarsa, J. (1995). *O que é corpo*. Sao Paulo: Brasiliense.
- Gusso, H. L., Archer, A. B., Luiz, F. B., Sahão, F. T., de Luca, G. G., Henklain, M. H. O., Panosso, M. G., Kienen, N., Beltramello, O. & Gonçalves, V. M. (2020) Ensino superior em

tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. *Educação e Sociedade* 41. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/es/a/pBY83877ZkLxLM84gtk4r3f/?lang=pt#>

Herold Junior, C., Machado, A., Campanholi, C., Solera, B., & Parizotto, P. (2018). O corpo a partir do movimento nudista: Rio de Janeiro na década de 1950. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 24(1), 49-64. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.65075>

Hilst, H. (2008). *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. São Paulo: Globo.

Lima, R. A. (2015). A experiência Rádice – uma entrevista com Ralph Viana. *Lacuna: Uma Revista de Psicanálise*. ISSN 2447-2663. Recuperado de <https://revistalacuna.com/2015/09/29/a-experiencia-radice/>.

Lowen, A., & Netto, M. (1988). *Amor e Orgasmo: guia revolucionário para a plena realização sexual*. São Paulo: Summus.

Iantaffi, A. (2011). Is there a place for the body in sex therapy? *Sexual & Relationship Therapy*, 26(1), 1–2. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/14681994.2011.544525>.

Le Goff, J. (1992). *História e memória*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

Marer, E. (1981, dezembro). Por uma Política do Corpo. *Jornal Rádice Luta & Prazer*. Ano 1, número 4.

Masters, W. & Johnson, V. (1984) *A resposta sexual humana*. São Paulo: Roca.

Masters, W. & Johnson, V. (1985) *A Inadequação Sexual Humana*. São Paulo: Roca.

Mufon. (2010) *What is Ufology?*. Recuperado de <https://www.mufon.com/ufology.html>.

Napolitano, M. (2014) *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto.

Nevis, E. (2000) Introduction, in *Gestalt therapy: Perspectives and Applications*. Santa Cruz: Gestalt Press.

Nunes, C. A. & Silva, E. (1999) Sexualidade e educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: Lombardi, J. C. (org.) *Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais*. Campinas: Autores Associados – HISTEDBR; Caçador: UnC, p. 162 – 177.

Educação sexual não é aprovada. (1976, novembro, 20). *Estado de São Paulo*, 6 Recuperado de: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19701120-29333-nac-0006-999-6>.

Oliveira, W. V. de. (2011). A fabricação da loucura: contracultura e antipsiquiatria. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 18, n. 1, 141-154. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000100009>.

Pereira, M. E. C. (2009). Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 12, n.2, 379-386. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000200011>.

- Perls, F., Hefferline, R., & Goodman, P. (1951/1994). *Gestalt therapy: Excitement & growth in the human personality*. New York: The Gestalt Journal Press
- Pizzani, L.; Silva, R. C. Bello, S. F. & Hayashi, M. C. P. I. (2012). *A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento*. Rev. Dig. Bibl.Ci. Inf., Campinas, SP, v. 10, n. 1, p. 53-66. Recuperado de http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/download/1896/pdf_28.
- Plotkin, M. B., & Russo, J. (2017). Culturas psi: psicanálise, subjetividade e política. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 24(Suppl. 1), 7-9. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/s0104-59702017000400001>.
- Rampazzo, L. (2005). *Metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Reich, W. (1972) *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Reich, W. (1975). *Os pais como educadores: A compulsão a educar e suas causas*. In W. Reich Conselho Central dos Jardins de Infância Socialistas de Berlim; Schmidt, V. Elementos para uma pedagogia anti-autoritária (J. C. Dias, A. Sousa, A. Ribeiro, & M. C. Torres, trans., pp. 53-68). Porto, Portugal: Escorpião. (Trabalho original publicado em 1926)
- Reich, W. (1978). *A função do orgasmo: Problemas econômico-sexuais da energia biológica*. São Paulo: Brasiliense.
- Reich, W. (1995) *Análise do Caráter*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Ribeiro, P. R. M. (1990). *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU.
- Ribeiro, P. R. M. (2004). Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: Figueiró, Mary N. D. (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. Arte & Ciência 15-25.
- Ribeiro, P. R. M. (2009). A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: Figueiró, Mary N. D. (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. UEL, 129-140.
- Ribeiro, P. R. M., Bedin, R. C. (2010) Algumas reflexões sobre a formação do pensamento sexual brasileiro a partir da historiografia da educação sexual. In: Teixeira, F. et al. *Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas*. CIEd. Recuperado de: http://www.fpcpsida.Org.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=163:sexualidade-e-educacao-sexual&catid=1:noticias.
- Ribeiro, P. R. M., Bedin, R. C. (2013) Notas preliminares sobre historiografia da educação sexual brasileira: apontamentos de uma cronologia descritiva: 1) Atitudes e comportamentos sexuais no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. *Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação*, v. 17, n. 1-2, 149-168, 2013. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/11449/124988>.
- Rose, N. (2013) *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. São Paulo: Paulus.
- Rosemberg, F. (1985) Educação Sexual na Escola. *Cadernos de Pesquisa*, n. 53, 11-19.

- Russo, J. (2017). Do psíquico ao somático: notas sobre a reconfiguração do self contemporâneo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 24 (Suppl. 1), 157-169. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/s0104-59702017000400011>.
- Russo, J. A., & Carrara, S. L. (2002). A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 9, n. 2, 273-290. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702002000200003>.
- Russo, J. A., Rohden, F., Torres, I., & Faro, L. (2009). O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 617-636. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300004>
- Russo, J. (1993). *O corpo contra a palavra: As Terapias Corporais no Campo Psicológico dos Anos 80*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Russo, J. A. (2013). A terceira onda sexológica: medicina sexual e farmacologização da sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (14), 172-194. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200009>
- Russo, J., Rohden, F., Torres, I., Faro, L. T. F., Nucci, M. & Giami A. (2011) *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil*. Rio de Janeiro: CEPESC.
- Russo, Jane A. (2017) Do psíquico ao somático: notas sobre a reconfiguração do self contemporâneo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.24, supl., 157-169.
- Santos, A. D. dos, & Jacó-Vilela, A. M.. (2005). *Rádice: passado e futuro. Psicologia & Sociedade*, 17(3), 26-32. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822005000300004>
- Santos, A. D. dos. (2008) *Rádice: muito prazer! Crônicas do passado e do futuro da Psicologia no Brasil* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Santos, S. R. dos. (2014) *A educação sexual no Brasil Colônia prescrita nos Regimentos do Santo Ofício da Inquisição Portuguesa (1552-1774)* (Dissertação de mestrado) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil.
- Sbardelotto, D. (2017, junho, 15) *E o meu corpo existe*. Recuperado de: <http://www.hildahilst.com.br/blog/e-o-meu-corpo-existe>
- Schprejer, P. O. (2009) *Corpo, subjetividade e política: o ideário libert'-ario das décadas de 60 e 70 em uma revista de "jornalismo de psicologia"* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Sfair, S. C., Bittar, M., & Lopes, R. E. (2015). Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. *Saúde e Sociedade*, 24(2), 620-632. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000200018>
- Sharaf, M. (1994). *Fury on earth: A biography of Wilhelm Reich*. Boston: Da Capo Press
- Soares, A. S. (2016) *Discursos e representações do corpo durante a ditadura militar no Brasil (1968-1979)* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

- Soares, C. L. (2013, junho 23) *Diálogo sem fronteira - Pedagogia e educação do corpo - parte 1*. [Arquivo de vídeo] Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=5pJ2QOo8oGs>.
- Souza, C. M. e (2019). *Mente e Awareness nos Tantras Indianos: fundamentos da Meditação, do Hatha Yoga e do Ayurveda*. Recuperado de https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/28997
- Strick, J. (2005). *The Historic Context of Reich's Laboratory Work*. Jackflannel.org. Resgatado de http://www.jackflannel.org/orgonon_2005.html.
- Torres, L. H. (2007). O conceito de história e historiografia. *BIBLOS*, 8, 53–59. Recuperado de <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/443>>
- Wallis, C. (2012) *Tantra Illuminated: the philosophy, history and practice of a timeless tradition*. Woodlands: Anusara Press.
- Weinmann, A. O. (2006). Dispositivo: um solo para a subjetivação. *Psicologia & Sociedade*, 18(3), 16-22. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000300003>
- Weinmann, A. O. (2002). Uma contribuição à história do movimento psicanalítico: a trajetória de Wilhelm Reich. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(3), 14-19. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000300004>
- Woods, A. (2021). A Revolução Francesa de Maio de 1968. *Marxismo E Autogestão*, 3(05). Recuperado de <http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/650>

ANEXO A - MATÉRIA DE JORNAL SOBRE O II SIMPÓSIO ALTERNATIVAS NO ESPAÇO PSI

6 - CADERNO B

quinta-feira, 23/4/81 JORNAL DO BRASIL

ÍTICA DO CORPO

Norma Couri

Meu corpo colorido se esticou sobre o péto da mansão estilo italiano do Parque Lage aos primeiros raios de sol do chuvoso sábado de Aleluia. Julgava expressar seu estilo de vida na sala Indiana, a liberdade nos pés descalços, a linha ideológica nas pernas penduradas nas orelhas, o desejo de prazeres na forma como largava o corpo.

— Agora sinto que estou realmente participando do seminário — disse. Psicóloga mineira, chegou ao Parque Lage de ônibus, junto com pelo menos 400 dos 800 participantes do seminário, que vieram basicamente de Minas e São Paulo ("todos da área psi") na Semana Científica para "Inserir o corpo numa boa". Muitos se espantaram logo na porta, "mas é esse o programa", muitos não conseguiram introduzir seu próprio corpo numa das cinco salas que desde sábado e até ontem mantinham 20 seminários por dia, muitos reclamaram de a forma proposta para um simpósio sobre o corpo ser, justamente, o verbo.

Logo agora que o Parque Lage, depois de ser palco de produções americanas como Tarsal ou de filmes como Terra em Trance e Macanama, recebia em sua natureza verdadeira "apologetas da carne" para um seminário organizado pelos dirigentes da antiga revista *Rádice* (atual *Lata e Frase*) e da Livraria Espaço Psi sobre a Política do Corpo.

Há 12 anos seria Woodstock, em toda a década de 60 seriam o protesto político e o não consumo, mas hoje é o corpo, como determinaram, aliás, os próprios líderes radicais do passado na virada dos anos 70 ("em cinco anos — disse o ec-hípico americano Jerry Rubin — de 1971 a 1975, às técnicas gestálticas, recheadas, sociológicas, massagens, danças, meditação, hipnotismo, corri muito e só com alimentos naturais: aqui, enfim, o curso da reconcentração").

Apoetose da conscientização ou da inutilidade, o Simpósio da Política do Corpo tratou exatamente de tudo isso para a problematização dos corpos, vendeu tudo a que tinha direito (sanduíches naturais em costas naturais, sucos puros, batidas pot, licores, pães, colares, roupas indianas, sandálias de linha de algodão, esmaltes variadas, compêndios versando sobre as psicologias mais inusitadas, livros de poesia), divulgou movimentos sociopsíquicos como Ananda Marga, concertos antimusical como Concerto de Sol no Parque do Flamengo, o disco produzido independentemente de Tivinho Moura.

E por suas salas passaram figuras vestidas de roupa de corrida, de longo vestido, de colares, de muita cor e vivos.

Entre uma sala e outra ouviram-se frases, palavras e expressões constantes em todos os momentos, comuns a todos os participantes: prazeres, potência erótica, proposta, raposo, mensagem, se trancar, de repente eu estou a fim de você como peixe, aqui e agora, energia, problemática sexual, desejo de ação, técnicas recheadas, Reich, Lowen, desejo de ação, pontos de tensão, couraça muscular, consciência de sentir, ergon, se tocar, caráter genital, consciência com cheiro de terra molhada, tá, sabe, biebo, era virgula.

Os participantes expressaram também verbalmente suas impressões: — Olha, consegui botar alguma coisa pra fora, libertar alguma agressividade — disse uma professora de dança paulista.

A síntese da pregação "vamos transar o corpo?" que há dois anos martela o cartico aconteceu no Parque Lage. Oitocentas pessoas — a maioria jovens — ouviram (entediadas) as palestras, comeram comida "natural" e exercitaram seus físicos sem tanto entusiasmo.

— Aconteceram coisas bonitas — disse a psicóloga Eliane Bertolucci de seu grupo de psicodrama. — Não consegui assilar a nenhum dos seminários está agora, estou rotando de sala em sala.

— Parece uma comunidade, uma grande família, as pessoas aqui ficam mais à vontade, mais livres, você nota pelas roupas, pela maneira de falar, acabaram-se as barreiras, aqui se conhece gente, as emoções relaxam, eu o conheci agora, nem parecia, o dia só como a gente está — diz Fanny Gisell, 20 anos, estudante de Psicologia.

— Concordei com a Fanny, mas sou contra a corrida para as vivências. Não se consegue participar, na verdade as pessoas vieram para vivenciar, e aí os grupos são limitados, a gente fica só ouvindo as teorias e se participa, na hora que liga já está desligando, já está acabando — diz o médico homeopata, ex-psiquiatra ("fa uma decisão para o corpo") mineiro Ibsen Drummond.

— Certo muito este ambiente descontraído, fico mais relaxado, tô gostando bastante, isso nos permite vivenciar as próprias vivências, estou bem interessado na proposta recheada e com bastante esperança — diz Edson Baeza, 22 anos, estudante de Psicologia, da FUC, São Paulo.

— Estou achando tudo muito estranho, sou formada há oito anos, essa coisa é muito avançada, essas rodinhas, eu heim... — disse uma psicóloga a outra.

— As rodinhas estão instando índios, é a expressão corporal interna, expressam uma situação primitiva e tudo o que é índio é bom, eles têm mais equilíbrio — disse uma terceira psicóloga.

— Esperava coisas mais concretas, vim de ônibus do Paraná com mais seis colegas, está tudo muito mal organizado, não dá para a gente fazer as experiências, as vivências, só um pouquinho o fazem. Mas o Parque é bonito — disse Ruty Frits, estudante de Psicologia. — Não é nada disso, eles estão totalmente fora da realidade do país, afinal os acontecimentos políticos estão evoluindo e de repente as pessoas só falam em política do corpo. Parece que tudo mundo está nos seus consultórios, isolado, grupinhos e grupinhos, e achando "um barão transar o corpo". Vamos fazer um manifesto, o corpo é importante, isso aqui é diem os estudantes de Medicina Mauro, Nilson, Marcos, Jefferson e Márcio.

Um dos muitos cartazes pregados pelos participantes, escrito à mão, define as intenções: "Orientar discutamos se a revolução seria operária ou camponesa. Hoje discutimos o melhor prazeres, o melhor organismo. Ao lado do cartaz, no espaço reservado para cada um escrever "o que se passar na cabeça" (grafite) havia de Rebecca minha boca, onde está você?", nas palavras referências a Reagan, Prestes e Laila e ao mesmo tempo Carlos Ralph, um dos dirigentes, emitiu no alto-falante a sua rádio Sérgio-Alegre falando literalmente o que lhe vinha à



DO PARQUE LAGE A ALGUM LUGAR INESPERADO E NOVO?

— Cabeça (Frank Sinatra aqui conosco, é mentira que Rolfo May está no congresso, e agora com vocês Chico Buarque no vivo" etc). — Essa, a "grande festa". Difícil saber se pelos Cr\$ 2 mil 800, ou menos Cr\$ 800, se estudante, vale a pena o Simpósio. Quem optou pelas palestras versando sobre temas nunca dantes imaginados, ouviu muito verbo repetitivo e inútil, palavras que em nada se referiam ao complicado tema proposto. Vem por outra, conseguiu vivenciar uma experiência com o outro, com o corpo.

— Mas isso garante o encontro com o outro? — pergunta afiada uma moçinha. "Garante que o outro lhe devolva o mesmo amor?" Galeras aqui, se estriticece. "Não, não garante, é preciso ter competência técnica para ver o outro. Mas isso de que você está falando, o retorno, depende de um toque de graça divina — nem todos são os escolhidos". Anima, entretanto, aqueles cansados de esperar ou de viver o poema Quadrilha, de Drummond: "É preciso olhar para ver, coragem para seguir. A repressão começa no olhar". Sem dúvida alguma o grupo Bem Palavras foi dos mais procurados, onde as pessoas mais se tocaram, mais se abraçaram, mais choraram, mais liberaram, mais se distensionaram.

(do corpo mas dissociada da subatividade e a energia bioelétrica (a afetiva), fazendo a dicotomia entre as energias que geram um tumor (morte) ou um bebê (vida). Ana Mantovani, segundo ela própria uma das primeiras a "corporar", insiste, dentro do seminário do corpo, contra a divisão do corpo e da mente ("só indivíduos, não se pode raciocinar apenas um deles no trabalho terapêutico, o verbo não é a única forma de terapia, mas é de passagem obrigatória").

E para os que se recusavam a "rotular" estados e faziam a apologia do não verbal, Ana definiu: "O psicoterapeuta é frequentemente mais louco do que alguns de seus pacientes, mas não enlouquece porque tem nomes para seus estados, suas loucuras, suas no tempo conhecido, então, que é o verbal".

O trabalho é esse, unir corpo e mente.

O organizador Carlos Ralph, formado em psicologia, insiste em que o espaço criado ali "é importante sim, chega de se falar em corpo só no nível de linguagem". Outros dizem que faltava exatamente isso. E enquanto muitos preferiam apenas se deitar no sol do Rio e comer pastel de liguemas com suco e tranca e lanxa ("isso atual é um prazer maior do que sair por aí ouvindo teorias sobre o prazeres"), Ulysses se cansa, e inesperadamente se despe no péto. Da.

— Por que me chora tanto um poema vivo? Por que surpreende tanto a boca se deita ali a palavra? Por que nos parece estranho o peito se deita vem a emoção? Por que nos desviamos do corpo se em cada pedaço dele está vivido um poema? Por que nos cobrimos com símbolos, códigos e mensagens se nos basta a pele e sua plena linguagem? Por que buscamos torturados olhando as estrelas e desconhecamos lixo estrelas de cabeça, tronco e membros? Por que damos riso ou suspiro nos versos do meio, da frente, de trás? Por que não nos temos uma nos outros por que chamamos de poesia o que talvez não seja? e não chamamos de poesia o que realmente é? Se a poesia é a volta para o ser humano? Aqui está um ser humano? Aqui está a poesia.

— Mesmo viver o aqui, o agora, não garante que isso seja vivido ali, depois questionam algumas para quem se estabeleceu de grande festa e colorido.

Se algo de novo aconteceu ali, difícil saber. Para muitos foi apenas a caricatura de uma época amarelada, cheia de modismos indistiguíveis, calcada na busca de alívio sem garantias de que haja maior atividade, apesar do jargão.

Reflexo dos movimentos internacionais, nos Estados Unidos isso foi responsável pelo encontro de muitos líderes (da rebelião, da contra-cultura, do protesto de 1968) 10 anos mais tarde e de sua pergunta: "Mas o que aconteceu conosco?"

— Mas o que aconteceu conosco? O guia espiritual dos anos 60 Timothy Leary se voltou para o show business; Rennie Davis declarou: "Troque o movimento político radical pelo guru Maharaj Ji"; e o ex-hípico Jerry Rubin cortou os cabelos, desenturou seu lado feminino e tornou-se um adepto da "revolução interior dos anos 70".

Mais dados no Parque Lage, 300 pessoas fazem círculos e condutores e jogam as mãos para os céus na vitalidade, da subatividade, da sexualidade, da criatividade, da transcendência para desfragar o estado cósmico. Um é parte do outro, é parte da terra. Mas há algo de novo nesse apotético movimento do corpo?

— Depois da efervescência política dos anos 60, as pessoas resolveram que só o bem-estar psíquico importa — escreveu Christopher Lasch em a Cultura do Narcisismo. Numa corrida rústica "com técnicas recheadas, danças, técnicas bioenergéticas" da Jól Macedo, organizador em torno da Lagoa, os participantes tiveram seu final esperado (máximo da potência orgástica?) e natural para quem tanto se preocupa com o corpo, com o eu, com o bem-estar. Não se sabe onde chegarão e há dúvidas de que seja realmente a um lugar inesperado ou novo conduzindo a nova e estranha) era:

ANEXO B - CAPA DA EDIÇÃO 4, JORNAL RÁDICE LUTA & PRAZER, DEZEMBRO DE 1981

JOSE WILKER:
DAS LIGAS CAMPONESAS
ÀS TELAS DE NOVA YORK

rádice
LUTA & PRAZER

ANO I, Nº 4, 1 DEZ DE 1981
ESTA EDIÇÃO ESTÁ ÓTIMA, ARREPIOS

BISSEXUALISMO

O que é isso, minha gente?

SEXÓLOGO DE LISBOA
PARA AS VIRGENS EU
RECETO "NAS COXINHAS"

SATURNINO BRAGA
SE ELEITO, LEGALIZO
O JOGO DO BICHO

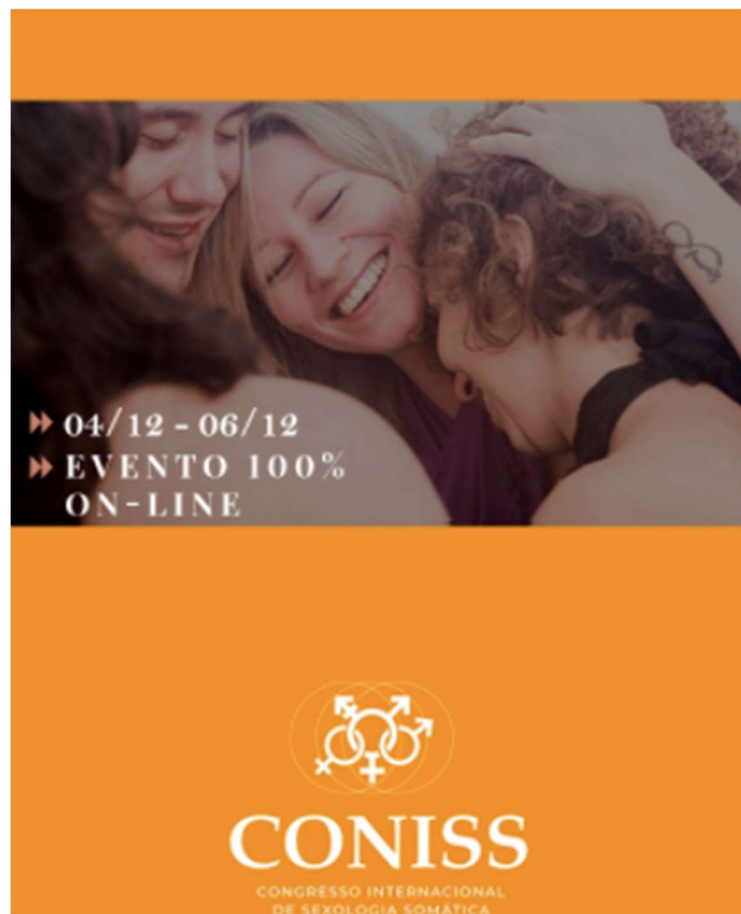
PSICOTERAPIAS
O GRUPO DISCUTE:
SERÁ QUE FUNCIONA?

FOTOS DE
A MICA DO PARTI

ANEXO C - MATERIAL PROMOCIONAL I CONISS



Logo do CONISS



Banner CONISS



O CONISS Chegou!

De 04/12 a 06/12

Inscreva-se Gratuitamente

(o lance do CONISS Chegou) flyer CONISS.

ANEXO D - PALESTRANTES I CONISS: CONGRESSO INTERNACIONAL DE SEXOLOGIA SOMÁTICA



Paula Fernanda

Descrição: Co-fundadora e diretora do ILASS - Instituto Latino Americano de Sexologia Somática.

Palestra: O poder transformador do Sexological Bodywork e 3 dicas para seu sucesso profissional



Ângela D'arc Hilário de Sousa

Terapeuta Tântrica, Sexóloga e Educadora Sexual Somática, Renascedora.

Palestra: A arte do Tocar - Resignificando o sentir



Paula Manadevi

Sexóloga Sistêmica e Terapeuta Tântrica Integrativa, formanda em Psicanálise e Pós-graduanda em Sexualidade Humana, CBI of Miami em parceria com a Universidade Celso Lisboa.

Palestra:

Como a Educação Sexual Somática pode ajudar a resgatar seu relacionamento



Rafael Leal Camilo

Psicólogo, desde 2014 atua na área de Sexologia como Sexólogo Somático, com ênfase na Educação Sexual.

Palestra: Criação de Hábitos na Educação Sexual Somática



Yuri Kotke

Co-fundador do Instituto Latino Americano de Sexologia Somática. Especialista em Terapia Sexual na Saúde e Educação.

Palestra: As ferramentas do seu corpo para a auto-realização e o prazer: Sexologia Somática na prática.



Paula Kohatsu

Trabalha com Nutrição Integrativa e Sexologia Somática. Artista Multidisciplinar. Saberes do Sentir e Nutrir.

Palestra: Desbloqueando e Celebrando a Pelve



Priscila Martins Calil

Fisioterapeuta com Formação em Uroginecologia, Fisiosexologia, Microfisioterapia, Sexologia Somática e Neopompoarismo

Palestra: Disfunção Erétil Feminina: O que a Sexologia Somática diz?



Pavini Coakwell-Moray, PhD.

Fundador da plataforma Wellcelium

Palestra: Diversidade de gênero e seu corpo: Realidades do prazer



Ellen Heed, PhD.

Educadora Somática, Sexóloga, criadora do S.T.R.E.A.M. (Metodologia de Tratamento de Tecido Cicatricial)

Palestra: Do tecido cicatricial ao prazer: A sabedoria do corpo



Caffyn Jesse

Professora de Educação Sexual Somática e Sexological Bodywork, Criadora do Erospirit.ca (Canadá)

Palestra: Sexualidade, ciência e espiritualidade



Tiago Brumatti

Coordenador do Centro Terapêutico - Paraíso Tantra. Atuante há 10 anos na área da sexualidade corporal.

Palestra: Sexualidade Somática- Segurança e Desenvolvimento do Trabalho corporal



Manuela Flaig

Educadora, facilitadora, terapeuta somática.

Palestra: Trauma & sexualidade



Renata Campos Fernandes

Artista e professora de dança e educadora sexual somática - atende sessões individuais e ministra cursos em grupo.

Palestra: A importância do espectador-testemunha de corporalidades eróticas - relações entre Sexological Bodywork e Dança



Zarahy Román Dominguez

Administradora de empresas Licenciada en Lenguas Modernas. Coach en Terapias Tântricas y Sexualidad Consciente.

Palestra: Exercícios de Liberação de Trauma (TRE) e a Expansão do Prazer



Joseph Kramer, PhD

Educador Sexual Somático, Criador da Metodologia Sexological Bodywork, pioneiro no campo da Sexologia Somática

Palestra: As raízes do erotismo no Sexological Bodywork



Sidney Pompeu Niscolo Tomassini

Psicólogo, desde 2015 atua em processos de transformação com ênfase na sexualidade, na Austrália, Europa e no Brasil.

Palestra: Como Atingir a Excelência no Trabalho com Sexualidade